



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Associativismo e democratização da cultura: A Associação Social Unidos, da aldeia de Santana do Campo, Arraiolos (Évora)

José Carlos Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:
Doutora Vera Borges, Investigadora Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Departamento de História

Associativismo e democratização da cultura: A Associação Social Unidos, da aldeia de Santana do Campo, Arraiolos (Évora)

José Carlos Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Doutora Vera Borges, Investigadora Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

*“Pai, eu tatuei no meu peito a tua imagem
Para respirar, através dela, a tua batalha, a tua coragem,
Então hoje eu trago nos meus braços
a tua alma e a tua mensagem”*

Valete

Agradecimentos

Em primeiro lugar, faço um agradecimento especial ao meu pai, incansável e sempre disponível, que tornou possível esta dissertação. Um especial obrigado também à minha mãe e às minhas irmãs, que me ajudaram sempre durante todo o meu percurso académico.

Estou muito grato à professora Vera Borges, orientadora desta pesquisa, cujo apoio foi imprescindível nestes últimos meses. Agradeço também aos meus professores e colegas do ISCTE, que, de uma maneira ou de outra, também moldaram esta dissertação.

Por último, mas não menos importante, um muito obrigado aos meus amigos de Santana do Campo, comunidade em que cresci, pelo trabalho que desenvolvem, pelo espírito de entreajuda e pela sua contribuição para esta pesquisa.

Resumo

A presente pesquisa assenta num estudo qualitativo que descreve a importância do associativismo local para a democratização e a descentralização da cultura, no passado e nos dias de hoje. Para o fazer, utilizou-se o estudo de um caso, a Associação Social Unidos de Santana do Campo (ASUSC). Trata-se de uma instituição de solidariedade social, sediada nesta aldeia portuguesa, com cerca de 250 habitantes, no concelho de Arraiolos, distrito de Évora. Neste estudo privilegia-se a observação direta do quotidiano da associação e a sua relação com outras associações locais. Através da realização de entrevistas compreensivas - aos intervenientes e fundadores das coletividades da aldeia - e o recurso ao método de participação ativa, Photovoice – realizado com os habitantes - analisaram-se as principais dinâmicas e ações desenvolvidas para "alcançar" a população local e os seus “pontos de vista”. Concluiu-se que os participantes neste Estudo valorizam o apoio social e a cultura popular, e identificam o trabalho voluntário das associações como indispensável para a vida da comunidade. A oferta social, cultural e desportiva, da aldeia de Santana do Campo, tem ainda a possibilidade de melhorar. As perspetivas para o seu futuro derivam da sustentabilidade da ASUSC, a nível cultural, social, económico e ecológico.

Palavras-chave: associativismo; democratização cultural; descentralização; identidade local; território; organizações sem fins lucrativos; método Photovoice.

Abstract

This research is based on a qualitative study that describes the importance of local associations for the democratization and decentralization of culture, both in the past and today. To this end, we used a case study: the Associação Social Unidos de Santana do Campo (ASUSC). This is a social solidarity institution, based in this Portuguese village with approximately 250 inhabitants, in the municipality of Arraiolos, Évora district. This study prioritizes direct observation of the association's daily life and its relationship with other local associations. Through comprehensive interviews - with participants and founders of the village's associations - and the use of the active participation method, Photovoice - with the residents - we analyzed the main dynamics and actions developed to "reach" the local population and their "points of view." The conclusion was that the participants in this study value social support and popular culture and identify the voluntary work of the associations as indispensable to community life. The social, cultural, and sports offerings of the village of Santana do Campo still have room for improvement. Its future prospects stem from ASUSC's cultural, social, economic, and ecological sustainability.

Key words: associativism; cultural democratization; decentralization; local identity; territory; non-profit organizations; Photovoice method.

Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7

Introdução

<i>A motivação para o Estudo</i>	12
<i>Pergunta de partida e objetivos da pesquisa</i>	13
<i>Questões éticas e vieses da pesquisa</i>	14
<i>Como se organiza a tese?</i>	14

1º Capítulo – Estado de arte e contexto da pesquisa

1.1. Associativismo em Portugal	16
1.2. Democratização cultural	20
1.3. Descentralização cultural	21
1.4. Santana do Campo: Geografia e identidade da coletividade mais antiga	22

2º Capítulo – Estratégia metodológica e dados coletados


2.1 Processo e metodologia de investigação	26
2.2. Instrumentos e escolha dos participantes	27
2.2.1. Método Photovoice: Potencialidades e limites	28
2.3. Dimensões e indicadores qualitativos da pesquisa	31

3º Capítulo – Apresentação e discussão dos resultados

3.1. Santana do Campo e o Associativismo	33
3.1.1. Dimensão histórica: As tradições de Santana do Campo	33
3.1.2. Dimensão individual e territorial: Os desafios de quem faz pela sua terra	37
3.1.3. Dimensão social, cultural e desportiva: Os eventos que mobilizam as associações locais	39
3.1.4. Memória: A perspetiva dos fundadores em relação à evolução da ASUSC	43
3.2. Democratização cultural: Acesso de todos à diversidade de atividades	45

3.3. Descentralização cultural: A cultura em meio rural	47
3.3.1 Cultura local no concelho de Arraiolos	48
3.4. Identidade Local	49
3.4.1. Dimensão histórica: Vestígios neolíticos e romanos	49
3.4.2. Costumes e Tradições: A “Terra da Poupa”	50
3.4.3. Photovoice: As perceções sobre as associações locais e o seu trabalho na comunidade	52
Conclusão	68
 Bibliografia e fontes	73
 Anexos	
Anexo 1 – Guião de Entrevista aos Fundadores e Ex-dirigentes	75
Anexo 2 – A igreja de Santana do Campo	76
Anexo 3 – Procissão nos anos 50 e recentemente, na mesma rua	77
Anexo 4 – Plano de atividades para 2020 – ASUSC	78

Índice de tabelas e fotos

Tabela 1 - Entrevistas: Os fundadores e ex-dirigentes associativos de Santana do Campo	28
Tabela 2 - Photovoice: Os/as participantes	30
Tabela 3 - Conceitos, dimensões e indicadores qualitativos	31
Foto 1 – “A nossa marcha no nosso rossio”	53
Foto 2 – “Juventude corajosa na direção da associação”	54
Foto 3 – Sem título	55
Foto 4 – Sem título	56
Foto 5 – Sem título	56
Foto 6 – “Making”	57
Foto 7 – “Marchas Populares”	57
Foto 8 – “A entreatada da comunidade a preparar com dedicação as festas de verão que mantêm viva a alma e a tradição da terra”	58
Foto 9 – Sem título	59
Foto 10 – Sem título	59
Foto 11 – “A quermesse faz parte das festas. É importante porque tem como objetivo arrecadar fundos para causas sociais, por exemplo”	60
Foto 12 – “Uma peça fundamental para o entretenimento das festas da aldeia é a animação”	60
Foto 13 – “As festas populares são muito mais do que música e luzes... são encontros, são memórias, são raízes, são gerações que se cruzam”	61
Foto 14 – “Encontro de gerações”	62
Foto 15 – “Prata da casa  ”	63
Foto 16 – “Padroeira, momento solene”	64
Foto 17 – “Comissão de Festas – Guardiões da tradição”	65
Foto 18 – “O fim da guerra”	66

Introdução

A motivação para o Estudo

Inicialmente, a questão de partida que orientou a minha pesquisa foi: como é que nasceu – e em que moldes se mantém vivo - um projeto artístico de longo prazo, num meio cultural descentralizado, como Santana do Campo, aldeia localizada no distrito de Évora? A questão remetia para o projeto intitulado “NRG” (lê-se “energy”, em inglês). Trata-se de um estúdio de danças urbanas pertencente à Associação Social Unidos de Santana do Campo (ASUSC), que, atualmente, se encontra à responsabilidade do autor desta tese.

No entanto, o tema que motivou esta pesquisa transformou-se e tal deveu-se a dois fatores importantes:

- (i) A pesquisa bibliográfica que fui realizando fez-me descobrir novas linhas de investigação que me interpelaram. Documentos - como “O associativismo popular na resistência cultural ao salazarismo: a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio”, de Daniel Melo (1999), e “Associativismo e Dinâmica Cultural”, de José Manuel Viegas (1986) - foram fulcrais para estabelecer o contexto histórico e social do associativismo, em Portugal. A obra “Conversas à volta de Santana do Campo”, de Bruno Lopes (2010), e o documentário “Santana do Campo – Aldeia Viva – Gentes e Tradições”, produzido por António Menezes (2018) e cedido à ASUSC – mostraram-me que podia alargar o âmbito da minha pesquisa;
- (ii) O número de alunos, inscritos no estúdio de dança “NRG”, diminuiu. Este mostrou-se um limite importante que podia pôr em causa a realização da minha pesquisa. Tendo apresentado grandes variações, atualmente, os “NRG” contam com apenas quatro elementos, um perfil que não representa todo o trabalho e impacto da ASUSC, na vida da nossa comunidade local.

Pergunta de partida e objetivos da pesquisa

Com este trabalho de investigação pretende-se, agora, estudar qual foi – e é, hoje, - o papel do associativismo para a democratização da cultura, tendo em conta, em particular, o estudo da ASUSC, uma associação cultural sem fins lucrativos, localizada numa aldeia, em Arraiolos, no distrito de Évora.

Assim, podemos identificar dois conceitos principais desta pesquisa: associativismo e democratização cultural. Adjacentes a estes estão, ainda, dois conceitos que vou considerar secundários, mas relevantes para esta análise: a descentralização cultural e a identidade local.

O objetivo geral deste estudo centra-se na descrição do trabalho da ASUSC para compreender e traçar, de uma forma breve, o percurso histórico do associativismo, em Portugal, com enfoque para a descentralização cultural, em Évora. Por sua vez, os objetivos específicos desta pesquisa são cinco:

- (i) Compreender o papel da associação local, ASUSC, através das palavras dos seus fundadores e ex-dirigentes, num exercício de memória sobre o que foi o passado da associação e os seus desafios atuais (entrevistas qualitativas e observação direta, no terreno da pesquisa);
- (ii) Conhecer as perceções e perspetivas da população em Santana do Campo sobre a importância do associativismo naquele território, com recurso aos habitantes locais, através de uma metodologia participativa que procurei pôr em ação, da forma mais simples (método Photovoice);
- (iii) Descrever a atividade atual da associação nos domínios cultural e social, em Santana do Campo, através da análise documental (sites e documentos fornecidos por José Manuel Pinto, fundador da associação) e da observação direta que fiz no terreno;
- (iv) Descrever até que ponto essas atividades dão passos – ou não – para a democratização cultural naquele território;
- (v) E, por fim, debater perspetivas para o futuro desta associação naquele território.

Questões éticas e vieses da pesquisa

Sendo natural de Santana do Campo, procurei beneficiar da familiaridade com a minha comunidade e com o trabalho das associações. Não fui um investigador “escondido”. Sou um “observador nativo” (Bryman, 2012: 445). Falei abertamente sobre este trabalho com as pessoas que mais participam na vida quotidiana da comunidade, nas suas festas e eventos locais. Destaco que José Manuel Pinto é o meu pai e foi o meu “informante privilegiado” (Brymann, 2012: 439), ao longo da pesquisa. Pelo seu envolvimento na vida associativa da aldeia, desde o início dos anos 80, ouvi-lo de “viva-voz” - e aos outros fundadores – ajudar-me-á a construir a memória desta experiência coletiva na aldeia, do passado até aos dias de hoje. Os quatro entrevistados falaram sobre o contexto em que ocorreu a fundação da associação e compararam os benefícios e limites, dos anos da fundação da associação com os atuais, o que me permite traçar um mapa da evolução da comunidade local, a nível cultural e social.

Tendo em conta esta minha proximidade com o terreno da investigação, assumi a parcialidade deste desafio durante a pesquisa. Mas, procurei colmatar um certo “bairrismo” - natural e inconsciente -, por isso, decidi que quem me poderia ajudar a enaltecer a terra e as suas associações deveriam ser os outros habitantes locais, participantes que deixaram os seus “pontos de vista”. Na verdade, deixaram um conjunto de “ângulos”, pois experimentei uma versão simplificada do método Photovoice (Wang & Burris, 1997; Hunter, Leeburg & Harnar, 2020), outra forma de dar voz às pessoas e perceber como estas interpretam o papel da associação e do associativismo dentro da nossa comunidade.

Como se organiza a tese?

No capítulo 1, faz-se um balanço do percurso histórico do associativismo em Portugal – as primeiras associações, o período do Estado Novo, os anos seguintes à Revolução dos Cravos e até à atualidade. Ainda no primeiro capítulo, faz-se uma breve apresentação do contexto e das associações, presentes na vida da comunidade local, em Santana do Campo.

O capítulo 2 descreve a estratégia metodológica, apresentam-se métodos e instrumentos, dimensões e indicadores qualitativos da minha pesquisa.

No terceiro e último capítulo, apresentam-se os resultados das entrevistas e da participação dos habitantes locais, seguindo as dimensões que resumem a minha estratégia de pesquisa.

Termino a tese com a conclusão que resume as ideias principais que respondem aos meus cinco objetivos específicos. Aponto, ainda, os caminhos futuros da associação que assentam na sua sustentabilidade territorial, a múltiplos níveis.

1º Capítulo - Estado de arte e contexto da pesquisa

1.1. Associativismo em Portugal

A vivência em comunidade está presente na espécie humana desde sempre. De uma forma ou de outra, as pessoas tendem a organizar-se por grupos com características, experiências ou interesses em comum. É desta necessidade de agrupamento que nasce o conceito de associativismo, que consiste neste agrupamento de indivíduos de uma forma institucionalizada numa procura de cumprir os seus objetivos e metas eficientemente.

As primeiras associações e coletividades registadas datam do séc. XIX, período marcado pelas repercussões da Revolução Industrial a nível social e político, nomeadamente a vitória dos liberais sobre os defensores da monarquia absoluta. José Manuel Viegas afirma que “esse associativismo popular, mais especificamente operário, teve, na segunda metade do séc. XIX, defensores acalorados movidos por intentos de reforma social e de minimização das difíceis condições de vida do nascente proletariado” (Viegas, 1986:103). Podemos então concluir que os membros da sociedade aproveitaram a sua oportunidade para pela primeira vez se organizarem na luta por uma melhor qualidade de vida, expondo aos líderes políticos as suas dificuldades e desafios e propondo e discutindo soluções para os seus problemas.

Paralelamente, o movimento associativo não se restringiu às questões sociais e políticas, e abordou também a área da cultura. As associações culturais “remontam à década de 40 do século passado [XIX], isto é, alguns anos depois da Associação dos Artistas Lisbonenses, instalada em 1839 e tida como a primeira associação não corporativa” (Viegas, 1986:104).

Quando se discute o tema do associativismo no séc. XIX, é importante destacar a fundação das primeiras sociedades filarmónicas em Portugal, muitas das quais ainda se encontram em atividade atualmente:

“É comumente conhecido, e já referido, o papel que a música, através das filarmónicas, representou no surgimento das associações recreativas da segunda metade do século XIX, que se prolongou em alguns casos até à 1.ª Guerra Mundial” (Viegas, 1986:105).

Além da vida social e política e da cultura e atividades recreacionais, existe outra área que levou à criação de várias associações: o desporto:

“Estes objetivos desportivos, mais especificamente futebolísticos, começaram a mobilizar os grupos populares em sentido associativo na década de 20 deste século [XX]. [...] A partir daí o futebol tem continuado a ser fonte mobilizadora dos grupos populares para a constituição de coletividades, segundo as especificidades locais, que, supomos, passam pela maior expressão numérica de camadas sociais mais jovens.” (Viegas, 1986:105)

O período de ditadura do Estado Novo ficou marcado na história de Portugal por várias razões, destacando aqui a perseguição de opositores políticos, a censura artística e de imprensa e a opressão do governo sobre as congregações de pessoas.

“O movimento de agregação livre de indivíduos em coletivos autónomos, suscitou no Portugal salazarista algumas das formas mais perenes de resistência cívica, política, social e cultural ao projeto totalitário oficial” (Melo, 1999: 95).

Sendo a associação em grupo uma das características intrínsecas da condição humana, o governo ditatorial percebeu que não conseguia impedir a associação de pessoas, mesmo quando esta não é formalizada. Era do seu interesse controlar, ou pelo menos condicionar as associações que já existiam previamente e as que foram sendo criadas neste período. De entre os variados projetos do governo de Salazar, destaca-se aqui a criação da Federação das Sociedades de Educação e Recreio (FSER), de forma a ter acesso (e algum controlo) às atividades das associações em todo o país. Atualmente denominada de Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD), esta é desde 1978 uma entidade pública que representa o movimento associativo popular em Portugal (de acordo com a informação disponibilizada em: <https://www.cpccrd.pt/>).

“Sabe-se que em função da orientação política vigente no contexto do Estado Novo muitas associações foram forçadas a desfiliar-se da CPCCRD (então denominada Federação das Sociedades de Educação e Recreio [FSER])” (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009:79-80).

A Revolução dos Cravos trouxe a Portugal uma nova dinâmica a todos os níveis, nomeadamente social, político e associativo:

“é de facto no período imediatamente a seguir à queda do Estado Novo, com a revolução de 25 de Abril de 1974, que surge o maior surto de associativismo em Portugal, tendo então sido fundadas, como atrás se disse, 28,3% das associações que em 2007 se encontravam filiadas na CPCCRD” (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009:80).

A partir deste momento, o Estado começou a incentivar e a promover tanto as novas associações como as que já existiam, ao invés de vigiar e condicionar o seu trabalho. Após o 25 de Abril de 1974 foram criadas muitas coletividades e notou-se uma “maior diversificação da própria natureza e objetivos desses mesmos organismos.” (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009:81)

Cabe ao Estado de qualquer nação a responsabilidade de garantir que os seus cidadãos têm acesso à cultura. Podemos verificar no nº 3 do artigo 73º da Constituição da República Portuguesa:

“O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais”.

Sendo esta a sua responsabilidade, existem vários parâmetros de apoios, consoante as características específicas de cada objeto ou evento cultural cuja fruição e/ou preservação se prove como sendo do interesse dos cidadãos (e, conseqüentemente, do Estado). Apesar dos vários apoios para o setor da cultura disponibilizados pelo Estado Central, são geralmente as autarquias que gerem os espaços, eventos e objetos culturais dentro da sua jurisdição:

“A qualidade dos dados é discutível, mas não obscurece a tendência geral: crescimento mais acentuado da despesa cultural autárquica, em comparação com a da Secretaria de Estado ou do Ministério da Cultura, nos anos de incremento orçamental; maior capacidade de resistir aos primeiros sinais de inversão da tendência, na década de 2000; e queda abrupta da despesa, após a crise de 2008, sem que isso signifique a perda da condição de fonte principal de financiamento” (Silva, Babo & Guerra, 2015: 105-106).

Compete ao Estado a formulação da grande maioria das políticas culturais, sendo que os programas políticos nacionais ditam grande parte da ação das autarquias. “De uma perspectiva analítica (não imediatamente valorativa), e à escala geral, as câmaras municipais têm sido mais recetoras do que produtoras de política cultural.” (Silva, 2007: 14). Ainda que não sejam completamente autónomas, as autarquias conseguem promover a atividade cultural a nível local, usando as associações culturais como uma ferramenta

para esse efeito; e a nível nacional, se tivermos em conta o trabalho de organizações como a Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses ou a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

Atualmente, as associações trabalham em conjunto com os órgãos governamentais, nomeadamente as autarquias, sendo que a maioria foca o seu trabalho na comunidade local.

Segundo Maria das Dores Meira, antiga presidente da Câmara Municipal de Setúbal, o movimento associativo desempenha “um inestimável papel junto do Poder Democrático Autárquico, quer quando com este intimamente colabora, quer quando o motiva às mais arrojadas e diversas ações e realizações, quer, mesmo, quando o critica e lhe aponta alternativas válidas de atuação” (citada em Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009:50).

É do interesse de qualquer autarquia fomentar e apoiar o trabalho das associações que lhe dizem respeito, independentemente do seu âmbito, pois estas são centros que visam “transmitir e solidificar valores que formam integralmente os indivíduos, capacitando-os para a sua (con)vivência em sociedade” e desenvolvem no cidadão “um sentimento de responsabilidade que o une ao seu semelhante e que, por esta via, o torna solidário” (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009: 50). Atualmente, as associações têm novos desafios, tais como o da preservação da cultura identitária, identificado pelo Dr. Acácio Ferreira Catarino, antigo professor do ISCTE e da Universidade Católica Portuguesa:

“[...] tal cultura não é redutível aos saberes académicos e seus níveis; também não é redutível à reprodução da cultura mediatizada nem à mediatização das coletividades; igualmente, não é redutível às discursividades política, sindical, empresarial, religiosa, desportiva ou qualquer outra” (citado em Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009: 25).

A questão da identidade consiste na junção das vertentes referidas pelo autor, e cada associação dá ênfases diferentes a cada uma delas, conforme a sua missão e os seus objetivos. Indica ainda uma outra dicotomia - entre a cultura erudita e popular:

“É perfeitamente natural que as coletividades beneficiem com a elevação dos níveis de escolaridade, e deem o seu contributo para que [...] todos os cidadãos acedam aos níveis mais elevados e adequados que for possível. Mas a cultura «popular» situa-se na base e no vértice destas realidades: ela sabe respeitar cada pessoa [...]; não se conforma com estatutos de superioridade cultural; luta [...] pela igual dignidade de todos os saberes e de todas as pessoas; e

incita os diplomados a não esquecerem a sua base «popular» e a contribuírem para que ela seja devidamente respeitada” (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009:25).

1.2. Democratização Cultural

O conceito de democratização cultural nasce com a criação do Ministério dos Assuntos Culturais, no final dos anos 50, em França:

“O ministério encarregue dos Assuntos Culturais tem por missão tornar acessíveis as obras capitais da humanidade e, em primeiro lugar, as da França, ao maior número possível de Franceses; de proporcionar a mais vasta audiência ao nosso património cultural e de favorecer a criação das obras de arte e de espírito que o enriquecem” (Caune, 1999:114)

As políticas deste ministério criaram espaços culturais em todo o país, porém revelaram que:

“[...] empreender esforços na diminuição das barreiras físicas entre a cultura erudita e as classes populares através do incentivo a visitação aos museus, seja por gratuidade ou redução dos preços dos ingressos, não era suficiente para transpor o abismo que separa esses dois mundos” (Lacerda, 2010:3).

As limitações do conceito foram descritas na obra de Bourdieu, Darbel e Schnapper (1969), que propõe a noção de capital cultural, que consiste em “bens simbólicos, não redutíveis a valores de mercadoria e adquiridos, antes de tudo, por um sistema de disposições que requer um precoce e durável processo de socialização/interiorização/incorporação.” (Lopes, 2009:4). Outra crítica a esta política foi a homogeneização dos públicos. Estes eram vistos apenas como recetores de cultura por um grupo exclusivo de produtores artísticos e culturais, e não também como possível produtor, descurando-se assim a cultura popular.

Por seu turno, o conceito de democracia cultural:

“[...] tem por princípio favorecer a expressão de subculturas particulares e fornecer aos excluídos da cultura tradicional os meios de desenvolvimento para eles mesmo se cultivarem, segundo suas próprias necessidades e exigências” (Botelho, 2001:81).

Este modelo focou-se na diversidade dos públicos e nos seus interesses não só enquanto consumidores de cultura, mas também como possíveis criadores da sua cultura. A noção de cultura acaba por se expandir além a cultura erudita com esta adição da cultura criada pelos públicos. Alargando assim o conceito, o Estado Central não tem meios para

dinamizar e fomentar todas as atividades culturais a nível nacional, dando espaço a uma nova vertente da democratização cultural: a descentralização.

1.3. Descentralização Cultural

O conceito de descentralização está, naturalmente, ligado ao conceito de democratização. Se a ideia de democratização cultural é a de garantir o acesso à cultura a toda a população, é imperativo que esta envolva um processo de descentralização, ou seja, é necessário levar cultura a todos os cantos do país. A descentralização do poder, emanada da Constituição Política da Monarquia Portuguesa, de 1822, foi o primeiro passo nesta direção. No entanto, em Portugal, foi apenas após a revolução do dia 25 de abril, de 1974, que este conceito foi aplicado à cultura:

“[...] começou-se a pensar numa descentralização cultural baseada em Centros culturais, criados por uma equipa que residia no mesmo local e que programaria e faria cultura com a população local, baseada nos interesses e nas necessidades locais” (Sousa, 2021:10).

Esta proposta deu origem, por exemplo, ao Centro Cultural de Évora, atualmente denominada Associação Centro Dramático de Évora – CENDREV, que iniciou a sua atividade, em 1975, e que continua em atividade, com especial foco no teatro, mas com projetos envolvendo outros ramos artísticos e culturais.

Mais uma vez, foi através da livre criação de associações que se desenvolveu o processo de descentralização cultural, permitindo, sem censura, que as populações desviadas dos grandes centros não só tivessem acesso à cultura, como também a possibilidade de participar em processos criativos. A formação de redes nacionais (por exemplo, a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e a Rede Nacional de Teatros e Cineteatros Portugueses) foi também um elemento-chave para a descentralização cultural. O governo central não foi a cada uma das pequenas aldeias do país, mas proporcionou ferramentas às populações para que estas fizessem chegar a cultura até si.

1.4. Santana do Campo: Geografia e identidade da coletividade mais antiga

Santana do Campo é uma aldeia situada no concelho de Arraiolos, no distrito de Évora. De acordo com a informação disponível online e nos documentos cedidos pela ASUSC, atualmente, a aldeia tem cerca de 250 habitantes e sete associações com atividade regular nas áreas do desporto, solidariedade social e cultura. Apesar dos diferentes âmbitos, estas associações trabalham, regularmente, em conjunto para a sua missão comum: manter uma oferta cultural e recreativa regular, em Santana do Campo.

As associações são as seguintes:

A COPCAMPO – Cooperativa de Consumo Popular de Santana do Campo, fundada em 1978 como uma cooperativa de consumo popular dedicada a vender produtos de mercearia a preços acessíveis aos seus associados (que não pagavam quotas, apenas uma joia inicial). Atualmente é a única mercearia aberta na aldeia de Santana do Campo e está aberta a todo o público, não apenas os seus associados. Fornece todas as festas e eventos realizados na aldeia, bem como as refeições do ATL e do centro de dia. Este último está ao encargo da *Associação de Reformados de Santana do Campo* (ARSC).

Esta associação foi criada no final dos anos 90, com o propósito de abrir um centro de convívio/café para a população idosa da aldeia. Em 2015 abriu um centro de dia (com o apoio da Segurança Social e da Câmara Municipal de Arraiolos) equipado para acolher pessoas idosas com qualquer tipo de incapacidade, cuidando da higiene, alimentação e saúde física e mental dos seus utentes. Atualmente, além do Centro de Dia e do Café, a associação presta apoio domiciliário aos seus utentes neste regime e integra a população idosa de Santana do Campo no “Projeto Viver Sénior”, desenvolvido pela Câmara Municipal de Arraiolos, que engloba atividades como hidroginástica e natação, atividades de leitura e de partilha de histórias apoiadas pela Biblioteca Municipal e eventos anuais congregando todas as associações de reformados do concelho para partilharem as suas atividades ou venderem produtos regionais e tradicionais feitos pela população idosa.

No âmbito do desporto, existem cinco associações que intervêm localmente.

O mais antigo é o *Centro Cultural e Desportivo – Santana do Campo* (CCD), fundado em 1982. Esta data coincide com o início da construção dos balneários e com as obras no campo de futebol, tornando assim possível a participação no campeonato

distrital de futebol da Fundação INATEL. O CCD participou nesta competição em todas as épocas desportivas até 2004. Formou também em 2019 uma equipa de futebol de veteranos, disputando jogos amigáveis com outras equipas do distrito durante todo o ano.

Em 2004, os dirigentes do CCD decidiram entrar para o campeonato da Federação Portuguesa de Futebol sob a alçada da Associação de Futebol de Évora. Assim nasceu o *Futebol Clube de Santana do Campo* (FCSC), que disputa até hoje a divisão de honra do campeonato distrital de Évora. A criação desta associação abriu portas para que fizessem obras de restauração das bancadas e balneários, a construção de um edifício sede para a associação e mais recentemente a instalação de um relvado sintético. Estas obras foram feitas pela população (exceto o relvado) e financiadas com apoio parcial da Câmara Municipal de Arraiolos.

A mais recente associação, *Clube Moto Poupas*, foi fundada em 2023, por entusiastas de motorizadas antigas que se juntam ocasionalmente para realizarem passeios pelo distrito. Está envolvida numa rede de associações deste género que se revezam a organizar cada passeio. Existe ainda o *Clube de Caçadores de Santana do Campo*, que organiza eventos de caça e continua a prestar apoio nas iniciativas das outras associações, nomeadamente as festas de verão, encabeçadas pela ASUSC.

Já a *Associação Social Unidos de Santana do Campo* (ASUSC) é a coletividade mais antiga ainda em atividade, na aldeia. Apresenta-se como uma Instituição Particular de Solidariedade Social, desde 1998, porém a sua fundação oficial data de 30 de outubro de 1958, sob o nome de “Sociedade Recreativa Unidos de Santana do Campo”, uma denominação comum – pela união das pessoas - neste tipo de associações. No entanto,

“não restam dúvidas quanto à existência de uma atividade anterior à oficialização da sociedade, como o comprovam as fotografias duma equipa de futebol em 1955 e da data colocada no chão cimentado da sede: «11.03.1953»” (José Manuel Pinto citado em Lopes, 2010:19).

Ao longo do tempo, esta associação foi a entidade responsável não só pelas festas sagradas e seculares tradicionais, mas também teve influência na instalação da luz elétrica em 1967 e nas obras da rede de água e esgotos, em 1983. Juntamente com a Câmara Municipal de Arraiolos e a Junta de Freguesia de Arraiolos foi possível

“[...] criar infraestruturas como o campo de tiro aos pratos (1994); o polidesportivo descoberto (1997) e o melhoramento das instalações na nossa sede (1999 e 2004)” (José Manuel Pinto citado em Lopes, 2010: 23).

A bancada do campo de futebol foi construída pela população e apoiada pela “Sociedade” no final da década de 1970, tal como os balneários em 1983, simultâneos à instalação da rede de saneamento básico.

Em 1998, a “Sociedade” passa a ser a ASUSC e adota a designação de IPSS de forma a implementar o seu Projeto de Apoio à Infância. No âmbito deste projeto foi “assinado com a Câmara Municipal de Arraiolos o contrato-programa para funcionamento da Escolinha de Desporto (2000)” (José Manuel Pinto citado in Lopes, 2010:22). Já em 2003, a associação é registada na Direção-Geral da Solidariedade e Segurança Social e torna-se responsável pelo Centro de Atividades de Tempos Livres (ATL), procurando dinamizar a cultura com as crianças e trabalhando com a escola primária EB1 de Santana do Campo e com a pré-primária itinerante. Estavam dentro deste projeto atividades como a criação de uma horta biológica e o uso do forno comunitário.

Em 2004, com as obras na sede, foi possível fornecer refeições aos alunos da escola e da pré-primária durante o ano letivo e às crianças inscritas no ATL durante as férias. A ASUSC participou no primeiro desfile de marchas populares do concelho de Arraiolos, no final da década de 1990, e é uma das poucas associações no concelho que participou em todos os desfiles até à data.

Com o objetivo de trazer uma oferta cultural mais variada à aldeia de Santana do Campo, foi criado, em 2005, um estúdio de danças urbanas que ainda está em atividade. Inicialmente, com apenas uma classe de hip hop de nível intermédio denominada “NRG”. Este grupo tem participado, até aos dias de hoje, em eventos de danças urbanas em todo o distrito de Évora, por exemplo, na Feira de São João, em Évora, n’O Tapete está na Rua, em Arraiolos, nas festas de verão, em Santana do Campo, Sabugueiro e Igrejinha e encontros de hip hop, em Arcos, Borba, Estremoz, Sousel, Vidigueira, Vendas Novas e Montemor-o-Novo.

2º Capítulo – Estratégia metodológica e dados coletados

2.1. Processo e metodologia de investigação

Sendo sócio e membro eleito do conselho fiscal da ASUSC, a posição de “observador nativo” e participante tornou-se uma escolha óbvia. Vivi sempre em Santana do Campo e participei em inúmeras atividades desenvolvidas pelas várias associações em Santana do Campo. É importante reconhecer as vantagens e desvantagens e assumir este papel de “nativo”:

“The Full Member (Covert and Overt) and Participating Observer roles carry the risk of over-identification and hence of ‘going native’, but offer the opportunity to get close to people and thereby glean a more complete and intense understanding of their culture and values” (Bryman, 2012:445).

A observação direta e as conversas exploratórias foram então os primeiros passos para a recolha de informação. Fiz parte do grupo de danças urbanas durante 11 anos e sou o seu atual professor. Frequentei o ATL e a Escolinha de Desporto, fui jogador do Futebol Clube de Santana do Campo e, atualmente, estou envolvido na organização dos eventos do programa anual da ASUSC. Pelo que, não foi difícil começar a fazer perguntas sobre a nossa associação.

Todos os testemunhos que me deram foram voluntários. As pessoas da aldeia que participaram na minha pesquisa foram devidamente informadas sobre o que eu estava a fazer. Reconhecendo as vantagens de uma estratégia de “covert role” (Brymann, 2012: 436) - principalmente a de recolher informação inalterada pela consciência de estar a ser observado -, mesmo assim, decidi não adotar este posicionamento na pesquisa. Em primeiro lugar, eu faço parte da aldeia e da sua comunidade, e fui sempre claro com todos os/as participantes envolvidos na pesquisa (citados ou não) sobre os objetivos e métodos utilizados. Em segundo lugar, considero que o tema não justifica esconder a própria pesquisa, muito pelo contrário. Eu quero ouvir aquilo que todos aqueles que quiseram falar têm a dizer-me sobre a aldeia e as suas associações.

Seguiu-se a análise documental para complementar a observação direta. Recolhi todo o material referente à associação, no site, mas acima de tudo através da documentação cedida por José Manuel Pinto, o meu pai, com acesso e com conhecimento sobre a vida associativa, em Santana do Campo, nos últimos 40 anos.

2.2. Instrumentos e escolha dos participantes

Nesta pesquisa, realizei quatro entrevistas qualitativas - uma delas foi entrevista coletiva -, com os fundadores e ex-dirigentes das associações, em Santana do Campo, ao longo dos anos:

- (i) José Manuel Pinto, membro fundador do Centro Cultural e Desportivo (CCD) e Futebol Clube de Santana do Campo (FCSC). Ex-dirigente da ASUSC, ARSC e COPCAMPO;
- (ii) Florêncio Barbeiro, membro fundador da COPCAMPO ex-dirigente da ASUSC e ARSC;
- (iii) Filipe Coincas, ex-dirigente da COPCAMPO, ARSC, CCD e FCSC; e
- (iv) Bernardina Almeida, ex-dirigente da ARSC, ASUSC e COPCAMPO.

As entrevistas qualitativas foram realizadas seguindo um guião semiestruturado. Foram realizadas com o propósito de aprofundar a pesquisa no contexto histórico local e para conhecer a opinião dos fundadores de algumas das associações sobre os benefícios/potencialidades e as dificuldades/limites do associativismo, de um modo geral, e no caso específico de Santana do Campo. Todos os entrevistados assinaram o Consentimento Informado, autorizando o uso do seu nome, dados pessoais e citações das entrevistas.

Para cada entrevistado segui o mesmo guião (v. Anexo 1), embora, por vezes as entrevistas tivessem rumos diferentes. O primeiro entrevistado foi Florêncio Barbeiro, que fundou a COPCAMPO, em 1978, e foi dirigente da ARSC desde o final da década de 2000 até 2023. É impossível não fazer comparações entre as duas épocas, pelo que a entrevista se focou menos em detalhes históricos e mais no balanço entre o pós-25 de abril e a atualidade.

José Manuel Pinto, segundo entrevistado, foi dirigente de ASUSC e restantes associações continuamente desde o início dos anos 80 até 2014. Por esta razão, a entrevista foi rica em detalhes sobre a vida associativa em Santana do Campo, durante este período, do ponto de vista de quem participou na organização de todos os projetos desenvolvidos.

A terceira e quarta entrevista foi coletiva: participaram Filipe Coincas e Bernardina Almeida. A entrevista foi muito direcionada para os costumes e as tradições da aldeia, anteriores à fundação da “Sociedade”.

Tabela 1. Entrevistas: Os fundadores e ex-dirigentes associativos de Santana do Campo

Nome	Idade	Naturalidade	Escolaridade	Profissão	Foi fundador/a?	De que associações foi membro diretor?
José Manuel Pinto	62	Santana do Campo	12º ano	Quadro da administração pública local	Sim (1983; 2004)	ARSC; ASUSC; CCD; COPCAMPO; FCSC.
Florêncio Barbeiro	73	Santana do Campo	6º ano	Reformado	Sim (1978)	ARSC; ASUSC; COPCAMPO.
Bernardina Almeida	81	Santana do Campo	6º ano	Reformada	Não	ARSC; ASUSC; COPCAMPO.
Filipe Coincas	86	Santana do Campo	4º ano	Reformado	Não	ARSC; CCD; COPCAMPO; FCSC.

2.2.1. Método Photovoice: Potencialidades e limites

Por último, para concretizar a minha estratégia metodológica qualitativa, procurei uma forma de obter a opinião dos locais e o ponto de vista da comunidade em geral. Optei por utilizar uma versão simplificada do método “Photovoice” (Wang & Burris, 1997; Hunter, Leeburg & Harnar, 2020), que consistiu em utilizar fotografias como método de resposta a uma questão sobre a vida associativa, em Santana do Campo.

Neste momento da pesquisa tiveram prevalência dois eventos organizados pelas associações de Santana do Campo, estando diretamente envolvida a ASUSC: a) as marchas populares e b) as festas de verão.

Foi pedido aos participantes e organizadores - de ambos os eventos - que escolhessem um máximo de duas fotografias e escrevessem uma breve frase sobre cada

uma. O mote para a captura de imagens foi “destacar um elemento que, na sua opinião, demonstrasse o trabalho realizado, em conjunto, pelas pessoas da comunidade”. Para a melhor compreensão de todos, adicionou-se a seguinte pergunta: “Na tua opinião, qual é o elemento mais importante que junta a nossa comunidade?”

Escolhi este método por três razões:

- (i) A primeira foi pela simplicidade que o seu desenvolvimento permite para os participantes desta comunidade. Numa altura em que todos têm uma câmara fotográfica sempre à disposição, a captura de imagens é rápida e acessível para todos e em qualquer momento;
- (ii) A segunda razão foi a possibilidade de conhecer quais são as perceções que as pessoas têm sobre o trabalho das associações, partindo da individualidade das respostas. Realizar um questionário seria mais difícil para obter resultados. A população residente é em número reduzido. Por natureza, o método Photovoice é subjetivo, a perceção dos participantes é valorizada – o que é muito importante para uma pesquisa sobre democratização e democracia cultural - e a forma como se manifestam – é assim mais espontânea e de fácil acesso para todos/as.
- (iii) Conjugando as imagens com as descrições simples que fizeram é possível discutir pontos de vista sobre uma comunidade, pela escolha de um elemento destacado, através de uma “fotografia espontânea”. É um método que podemos utilizar ao nível dos Estudos e Gestão da Cultura, na ação, nos municípios, por exemplo.

Como explicaram os autores, que inspiram a minha estratégia metodológica,

“PhotoVoice can provide marginalized community members unique and contextually grounded opportunities to communicate their perspectives to a variety of audiences. PhotoVoice is especially helpful in bridging the gap between policymakers and their constituents because it allows constituents to share their experiences with policymakers” (Hunter, Leeburg & Harnar; 2020:15).

Um dos limites da aplicação deste método na aldeia é o reduzido número de participantes. Os nove participantes são um pequeno número de casos, não são conclusões

generalizáveis, mas, é uma amostragem intencional e teórica relevante (Wang & Burris, 1997; Hunter, Leeburg & Harnar, 2020).

Como podemos verificar na tabela 2, o grupo de participantes está igualmente dividido ao nível do género. Porém, é muito homogéneo em relação à variável idade, não havendo muita diversidade nas faixas etárias seniores. De facto, a maioria da população da aldeia é idosa e – tal como as crianças – não estão representadas neste grupo de participantes. Por outro lado, a opção de simplificar as questões colocadas - e a impossibilidade de continuar a pesquisa no terreno - não direccionou os/as participantes para uma posição crítica, pelo que os resultados, neste momento da pesquisa, não são esclarecedores no plano das dificuldades e necessidades da população.

Tabela 2. Photovoice: Os/as participantes

Participantes	Género	Grupo etário	Evento A	Evento B
Participante 1 (P1)	F	Jovem Adulta	Participou	Participou
Participante 2 (P2)	F	Adulta	Participou	Não Participou
Participante 3 (P3)	F	Jovem Adulta	Participou	Não Participou
Participante 4 (P4)	M	Adulto	Participou	Participou
Participante 5 (P5)	M	Jovem Adulto	Não Participou	Participou
Participante 6 (P6)	M	Adulto	Não Participou	Participou
Participante 7 (P7)	F	Jovem Adulta	Não Participou	Participou
Participante 8 (P8)	F	Adulta	Não Participou	Participou
Participante 9 (P9)	M	Adulto	Não Participou	Participou

Nota: F = Feminino | M = Masculino. Os participantes não assinaram o Consentimento Informado pela informalidade que a nossa comunidade vive.

2.3. Dimensões e indicadores qualitativos da pesquisa

Para concluir este capítulo, apresento a operacionalização dos conceitos que sustentam a minha pesquisa. Os conceitos centrais da investigação, bem como os secundários, as suas dimensões e os indicadores qualitativos. Juntei, ainda, um resumo das técnicas metodológicas específicas, às quais recorri, nas diferentes fases da pesquisa.

Tabela 3. Conceitos, dimensões e indicadores qualitativos

Conceitos (centrais 1. e 2. e secundários 3. e 4.)	Dimensões de análise	Indicadores qualitativos	Método
1. Associativismo	1.1. Histórica 1.2. Individual e Territorial 1.3. Social, Cultural e Desportiva 1.4. Memória	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo os fundadores, como e porque é que nascem as associações locais? E a ASUSC? - Como entendem os fundadores o associativismo em Santana do Campo? E o papel da ASUSC? - Que tipo de atividades são desenvolvidas pelas associações locais, com destaque para as atividades da associação em estudo; - Que perspetivas é que os fundadores têm para o futuro destas associações, em Santana do Campo? Como vão evoluir? - Como é que descrevem a ação, as atividades e o impacto da associação local que fundaram? 	<p>Análise documental</p> <p>Entrevistas qualitativas aos fundadores e ex-dirigentes</p>
2. Democratização cultural	2.1. Participantes nas atividades da associação	<ul style="list-style-type: none"> - Os habitantes locais/participantes conhecem a associação? Como experienciam e vivem as atividades da associação em estudo? O que valorizam na atividade das associações? Como percecionam essas atividades? 	Método Photovoice
3. Descentralização cultural	3.1 Dimensão Histórica 3.2. Cultura local em Arraiolos	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que se iniciou a descentralização cultural, em Évora, tendo em conta as associações locais? - Número e natureza da atuação das associações do concelho. 	Análise documental
4. Identidade local	4.1 Dimensão Histórica 4.2. Costumes e Tradições	<ul style="list-style-type: none"> - Que fatores ou acontecimentos históricos influenciam a identidade local da aldeia? - Como é que os participantes percecionam os costumes e tradições do território? - Como é que os participantes veem o trabalho das associações na comunidade? 	Método Photovoice

3º Capítulo - Apresentação e discussão dos resultados

3.1. Santana do Campo e o Associativismo

3.1.1. Dimensão histórica: As tradições de Santana do Campo

Existem dois registos de movimentos associativos anteriores à fundação da primeira associação em Santana do Campo: uma fotografia de uma equipa de futebol datada de 1955 e a data de 11 de março de 1953 marcada em cimento no chão na sede. Estes são dois bons exemplos das principais atividades da massa associativa em Santana do Campo, que são o futebol e as festas tradicionais. Antes da associação, além das festas de verão, o Carnaval era a segunda festa mais importante.

“Aqui só havia o Carnaval antes do 25 de Abril. Eram quatro semanas antes do Carnaval. (...) Era à quinta-feira, quatro semanas. Eram duas dos compadres e duas das comadres. Cá era assim. (...) Não havia cá convidados neste dia, era de qualquer maneira” (palavras de Filipe Coincas).

Nas quatro quintas-feiras antes do Carnaval, faziam-se as noites dos compadres e das comadres, alternadamente. Cada casa tinha uma mesa posta aberta a qualquer pessoa que quisesse entrar e comer. Esta tradição, com origem religiosa, perdeu-se em Santana do Campo, embora não se tenha perdido por completo. Na ilha Terceira, nos Açores, por exemplo, ainda se mantém esta tradição. As festas nas casas da população, no entanto, não eram raras. Denominados de “bailes de roda”, estas festas eram geralmente feitas ao som das vozes dos populares (com o ocasional acordeão) entre cantigas que todos conheciam e cantares ao desafio. Também serviam outro propósito: calcar o piso da casa. Sendo que naquela altura o chão das casas era de terra, era necessário manter o piso compacto, neste caso, com música e dança.

“[...] conforme são agora estas nossas festas, que o povo ajuda, naquela altura também, só que as festas eram muito maiores” (palavras de Bernardina Almeida).

As festas de Verão eram, na opinião dos meus quatro entrevistados, muito maiores que as atuais. Não no sentido de espaço, porque apesar do espaço ter sido alterado mais que uma vez até ao local onde hoje se realizam, a dimensão foi sempre semelhante, mas no sentido da quantidade de pessoas envolvidas na organização e na festa em si.

“Havia gente de todo o lado e destes pontos que pertenciam cá” (palavras de Filipe Coincas).

Aqui está um exemplo da influência da extinta freguesia de Santana do Campo (no início do século XX). Existem inúmeros montes e quintas ao redor da aldeia que, atualmente, estão divididos pelas freguesias de Arraiolos (tal como a aldeia), união de freguesias de S. Gregório e Santa Justa e freguesia de Pavia (pertencente ao concelho de Mora). Na altura a maior parte destes montes eram habitados, alguns por duas ou três famílias. Todos esses indivíduos participavam nas festas. Todos os anos se formava uma comissão com “oito ou nove mulheres, oito ou nove homens” (palavras de Bernardina Almeida) lideradas por três juízes. Esta comissão, além de organizar a própria festa, tratava de arranjar fundos para a pagar.

“Leiloavam-se “fogaças” oferecidas pelos festeiros com pão, chouriço, melancias, coisas assim” (palavras de Bernardina Almeida).

As maiores ofertas cabiam aos três juízes: quem podia oferecia sacos de trigo, os outros ofereciam dinheiro ou pediam ajuda à família para fazer uma fogaça maior.

Na última destas festas, em 1959, houve fogo de artifício, um gerador de luz elétrica e três dias de baile.

“Mesmo dentro daqui do concelho não havia nenhuma [festa] como a nossa” (palavras de Bernardina Almeida).

A partir desta altura, estas responsabilidades foram passando para a ASUSC, então denominada de Sociedade Recreativa Unidos de Santana do Campo.

Como referido no capítulo 1, a Sociedade foi fundada em 1958 pela necessidade de organizar as festas e os bailes tradicionais. Durante o Estado Novo fazia-se questão de organizar este tipo de eventos e conhecer a população, não só em Santana, mas por todo o país,

“[...] tanto que estatutos de 1958 proíbem uma série de coisas: não era possível fazer reuniões políticas, não era possível fazer outro tipo de atividades sem que fossem licenciadas pelo Governo Civil na altura” (palavras de José Manuel Pinto).

A partir de 1961, com o início da guerra colonial,

“[...] tornaram-se também tradicionais os bailes das inspeções.” (palavras de José Manuel Pinto).

Estes bailes, já na sede da associação, eram organizados com a ajuda dos jovens que passavam na inspeção militar (e as suas famílias) como uma festa de despedida. Neste período, tal como no resto do país, notou-se “um decréscimo da atividade” (palavras de José Manuel Pinto), quer devido à falta dos rapazes que iam para a guerra, quer devido às suas famílias que ficaram de luto pelos que não voltaram.

“... é um contexto que teve influência na vida coletiva e na vida recreativa e das tradições dos bailes e de outro tipo de atividades, porque as pessoas novas não estavam cá, as mães estavam tristes, punham um lenço na cabeça e durante 2, 3, 4 anos e praticamente não saiam de casa, e só os pais é continuavam a trabalhar, mas havia aqui uma marca que retraía uma atividade de festa com regularidade como tinha sido anteriormente, e começou a retomar com o 25 de Abril” (palavras de José Manuel Pinto).

A seguir ao 25 de abril de 1974 o paradigma mudou-se por completo. A liberdade de associação, o início da Reforma Agrária e a criação de cooperativas agrícolas foram pontos altos no desenvolvimento social e económico da região alentejana. Santana do Campo não foi exceção, e em 1978 foi fundada a COPCAMPO – Cooperativa de Consumo Popular.

“A Associação foi criada após o 25 de Abril. Os comerciantes na altura não aceitaram bem a revolução. Como tal, tinham margens diferentes. E nós, como era um povo pobre, o que é que nós pensámos? Ter uma associação em que o produto chegasse mais barato ao consumidor, ou seja, aos seus associados. Na altura, a COPCAMPO só servia associados” (palavras de Florêncio Barbeiro).

À data da Revolução, em 1974, existia uma mercearia em Santana, além do depósito de pão. A COPCAMPO tinha como missão encontrar bons fornecedores e servir a população com produtos alimentares a um preço acessível. Apesar de hoje em dia funcionar como uma mercearia normal, no início apenas serviam os associados. Tinham dois empregados e dependiam do trabalho voluntário da direção, sendo que não tinham como objetivo gerar qualquer tipo de lucro, apenas garantir a subsistência da mercearia.

Este era o maior desafio da COPCAMPO no seu início:

“Muitas das vezes, o associado, só porque é associado, quer preços impossíveis. E depois argumenta sempre, como é associações novas, argumenta sempre que ali o vizinho, que na altura

ainda havia uma mercearia, que seria mais barato. Era o pior de tudo. Porque naquela altura era a altura da revolução. As alturas das revoluções é tudo sempre mais fácil. O pior é depois a consistência” (palavras de Florêncio Barbeiro).

Manter os preços baixos sem gerar prejuízo era uma “tarefa hercúlea” em qualquer contexto económico e social. No caso da COPCAMPO, com um reduzido número de potenciais clientes e competindo com outra mercearia já estabelecida, foi apenas através do trabalho voluntário da direção que a associação se manteve viva nos primeiros anos. Com o fecho da outra mercearia, já na década de 80, a “Cooperativa” (como é conhecida localmente) assumiu então o encargo de fornecer produtos alimentares a toda a população, e não apenas aos sócios. Atualmente, os associados da COPCAMPO têm direito a descontos exclusivos na loja.

Ainda em 1978, foram iniciadas obras de restauração no campo de futebol. A substituição das balizas de madeira por metal, o alargamento do campo para as medidas mínimas de competição - neste caso, o campeonato de futebol da Fundação INATEL - e a construção da bancada. Estas obras foram feitas com trabalho voluntário da população num terreno particular doado à Sociedade, em 1963. Este foi o ponto de partida para a fundação do Centro Cultural e Desportivo de Santana do Campo, em 1982, que coincidiu com a instalação da rede de águas e esgotos e que permitiu à população, mais uma vez com trabalho voluntário, construir balneários e assim cumprir todos os requisitos para competir.

“Se a competição em campeonatos oficiais foi assumida por estas organizações, a verdade é que foi a Sociedade a entidade dinamizadora da atividade. Pode considerar-se a existência de uma tradição futebolística em Santana do Campo, com muitas gerações de jogadores, (...) A verdade é que aos fins de tarde, no regresso do trabalho, juntavam-se forças para jogar futebol, por vezes, até já não se ver a bola. Chegavam a jogar catorze em cada equipa [...]” (Pinto citado in Lopes, 2010:19-20).

3.1.2. Dimensão individual e territorial: Os desafios de quem faz pela sua terra

Em Santana do Campo, as associações têm um papel importante na defesa dos interesses da população. A razão é explicada, de forma muito clara, por um dos meus entrevistados:

“[...] em termos administrativos, por exemplo, nós não somos sequer uma freguesia, somos uma localidade e isso também nos afasta um pouco do poder político e do poder decisório na orgânica das autarquias locais [...]” (palavras de José Manuel Pinto).

A freguesia de Arraiolos engloba, além da vila onde está sediada, as aldeias das Ilhas e de Santana do Campo. Apesar do apoio imprescindível desta entidade do poder local, esta tem à sua responsabilidade três localidades distintas com níveis de população bastante díspares.

Tendo em conta com os dados fornecidos pela Junta de Freguesia, estima-se que Santana do Campo tenha cerca de 250 habitantes, as Ilhas têm cerca de 450 e Arraiolos tem mais de 2500. A verba alocada à freguesia é dividida em função deste número de habitantes. Por este motivo, as associações de Santana do Campo - em particular, a ASUSC - são o meio pelo qual a população expressa os seus interesses junto das autarquias. Daí todas as infraestruturas, eventos e atividades regulares estarem sob a alçada de uma ou várias coletividades da aldeia. Todas as obras de melhoramento e restauração da infraestrutura do campo de futebol foram propostas às autarquias, em Arraiolos, pela ASUSC e pelo FCSC e, à exceção da instalação do relvado sintético em 2020, estas são realizadas com mão de obra voluntária da nossa população.

À conversa com Florêncio Barbeiro, fiquei a saber que o posto médico, atualmente inutilizado, também foi construído pela população:

“Após o 25 de Abril podia-se fazer tudo e mais alguma coisa. Fez-se um posto médico, sem licença e sem terreno. (...) Feito pelas pessoas daqui de Santana. Chamava-se a Comissão de Base de Saúde. Nunca fui dessa associação, mas isso aconteceu. Houve aí um movimento. O povo fez. Arranjou dinheiro e fez. E depois tiveram de ser entregues à Segurança Social ou às instâncias.”

O posto médico foi construído pelos habitantes para o seu próprio usufruto. Foi feito a partir de uma necessidade, tendo em conta que a população, na sua grande maioria,

não tinha meio de transporte próprio. Mais uma vez, o movimento associativo está na base do melhoramento das condições de vida da população.

Existem, no entanto, uma série de dificuldades nestes processos. A principal, e mais evidente, são os recursos humanos. O despovoamento é um fenómeno que tem assolado todas as populações do interior de Portugal (Ferrão, 2018; Garcia, Silva, Andrade & Ramos, 2020). A fixação de população tem sido uma batalha constante de todas as autarquias do interior, e só melhorando as infraestruturas e a oferta cultural e social se pode combater o êxodo para o litoral. No caso concreto de Santana do Campo, este esforço é levado a cabo pelas associações.

José Manuel Pinto, em entrevista, identificou a seguinte dificuldade:

“Nós acabamos por ter um conjunto de obrigações que muitas delas, fazem sentido que existam, mas há outras que são feitas completamente sem distinguir o que é uma associação numa aldeia como Santana do Campo, daquilo que é uma grande fundação ou um grande clube desportivo. Tratando todos por igual, prejudica os pequenos.”

O meu entrevistado considera que este tipo de associações não estão protegidas pela legislação geral: “em termos de fiscalidade, do estatuto de dirigente associativo, ou até mesmo do ponto de vista dos direitos de autor.” As licenças necessárias para uma festa ou evento da dimensão de uma pequena aldeia são semelhantes às exigidas aos eventos das grandes cidades, ou de nível nacional e internacional. Existe um mínimo de condições que devem ser cumpridas, nomeadamente, na higiene e segurança. No entanto, nem sempre existem meios para que estas sejam cumpridas, o que resulta numa diminuição da realização destes eventos de expressão cultural e/ou recreativa nestas localidades. Por outras palavras:

“A grande diferença que temos 50 anos depois é que não temos liberdade para fazer aquilo que tínhamos liberdade de fazer após o 25 de Abril. Sem dinheiro, à mesma, fazíamos tudo. Sem dinheiro agora não fazemos nada. Sem dinheiro naquela altura arranjava-se uma comissão e fazia-se. E depois vinham os apoios. Agora não. Não se consegue fazer nada. Para fazer qualquer coisa é preciso um esforço enorme.” (palavras de Florêncio Barbeiro)

Esta dificuldade em executar os planos de atividades resume-se então em dois fatores: na falta de população ativa e na falta de apoios financeiros.

3.1.3. Dimensão social, cultural e desportiva: Os eventos que mobilizam as associações locais

Ao longo dos anos, as tradições e atividades dedicadas à comunidade e respostas sociais integram os seguintes eventos, por meses do ano:

(i) *Janeiro – Cantar os Reis/Janeiras e Gastronomia da Matança do Porco*

Este evento mantém a tradição de percorrer as ruas da aldeia em grupo, adultos e crianças numa representação do que noutros tempos se fazia no início do ano, cantando de porta em porta. Optou-se por juntar a tradição da matança do porco, que antigamente era feita pelas pessoas nas suas casas (algumas famílias ainda mantêm esta tradição). Este evento tem a organização da ASUSC.

(ii) *Fevereiro/ Março – Brincar ao Carnaval*

As “brincas” de Carnaval eram diferentes no passado. Além da tradição de fazer partidas, nesta altura, a festa de Carnaval contava com teatro amador, poesia popular e a “queima” de bonecos de palha. Estando esta atividade adaptada aos tempos de hoje, procura-se reviver a diversão própria da época. Há um desfile de mascarados, mas as restantes tradições perderam-se. Este evento tem a organização da ASUSC.

(iii) *Abril – Comemorações do 25 de Abril*

Iniciativa realizada no centro da aldeia com fogo de artifício e animação musical. É tradição nesta festa assar um porco no espeto e servir bebidas gratuitamente a todos os presentes. A junta de freguesia organiza uma corrida de estafetas que começa em Santana do Campo, passa pela aldeia das Ilhas e termina em Arraiolos, sede da freguesia. Neste caso, a organização é múltipla e exige a colaboração de todas as associações locais: ASUSC, CCD, FCSC, Caçadores, COPCAMPO, Moto Poupas, ARSC e autarquias locais.

(iv) *Páscoa – Baile da Pinha – Bolos da Páscoa (forno comunitário)*

Com a denominação de “Alentejo da Minha Rua”, a iniciativa integra uma componente gastronómica; caminhada temática, o Baile da Pinha e Jogos Tradicionais, com destaque para o Jogo da Malha e para os “Carrinhos de Rolamentos”. O tradicional jogo de futebol “Solteiros-Casados” tem lugar durante este evento, geralmente na manhã

de domingo de Páscoa. A confeção e cozedura de bolos fintos no forno comunitário tem lugar durante esta altura, em colaboração com as autarquias e escolas do concelho.

Este evento tem a organização da ASUSC, com o apoio do CCD, FCSC, Caçadores, COPCAMPO, Moto Poupas e ARSC.

(v) *Junho/Julho – Marchas Populares*

Apresentação duma marcha popular enquadrada na iniciativa concelhia “Marchas Populares do Concelho de Arraiolos” e, posteriormente, com apresentação na aldeia. Inclui o arranjo da música, uma letra com um tema, elaboração de fatos e adereços.

Este evento tem a organização da ASUSC.

(vi) *Julho/Agosto – Festas de Verão*

É um momento de encontro da comunidade. Um reencontro de amigos e familiares. Integra a tradicional procissão em honra da Padroeira: Santa Ana. O programa inclui jogos populares, jogos de futebol, espetáculos de música, bailes e concertos.

A festa de verão é o evento que implica maior logística em Santana do Campo. A ASUSC convoca e lidera as reuniões para o planeamento da festa, com o apoio de todas as coletividades de Santana do Campo, no entanto, a população organiza-se transversalmente às associações na divisão de tarefas.

(vii) *Setembro - Final época do jogo da malha*

O CCD encarrega-se de realizar um torneio para marcar o final da época do jogo da malha, que termina com a chegada do outono, já que a chuva impede a prática do desporto.

(viii) *Outubro – Comemorações do Aniversário da ASUSC*

A ASUSC celebra o seu aniversário com a realização de Exposições/colóquios ou outras atividades, assinalando também o início do ano do ATL.

(ix) *Novembro – Cocaria – Cozido em lume de chão*

Organizada pela Associação de Reformados, esta iniciativa procura recriar o ambiente em que os trabalhadores rurais cozinhavam no campo, utilizando panelas de barro em lume de chão. O almoço é preparado pelos funcionários e utentes do centro de dia e servido à população.

(x) *Dezembro – Festa Natal;*

Dentro do programa do ATL, a ASUSC assinala a época festiva com uma festa, onde as crianças apresentam os projetos desenvolvidos no ATL.

As coletividades de Santana do Campo apresentam as seguintes atividades regulares:

Associação Social Unidos de Santana do Campo:

- . ATL
- . Escolinha Desporto
- . Ginástica de manutenção com o projeto sénior
- . Dança (hip hop)
- . Jogos Tradicionais
- . Espaço Fitness

COPCAMPO - Cooperativa de Consumo Popular de Santana do Campo:

- . Festa de Aniversário;
- . Campanha de Natal para cooperantes;

Centro Cultural e Desportivo Santana do Campo:

- . Futebol 11 (Veteranos)
- . Torneios de Malha
- . Torneios de sueca

Associação de Reformados de Santana do Campo:

- . Valências de Centro de Convívio; Centro de Dia e Apoio Domiciliário

Clube de Caçadores de Santana do Campo:

- . Atividade cinegética;
- . Tiro aos Pratos

Futebol Clube de Santana do Campo:

- . Campeonato de Futebol 11 da AFE/Associação de Futebol de Évora
- . Participação no Joga à bola (crianças) organizado com a AFE/Associação de Futebol de Évora

Clube Moto Poupas:

- . Passeio anual de Motorizadas
- . Participação de forma organizada em passeios realizados por outras entidades ou clubes

Ao longo dos anos, podemos dizer que, no plano da dimensão social, a ASUSC teve dois projetos dedicados à formação e educação notáveis e com forte impacto social nesta comunidade: (i) o processo de Alfabetização da População, no passado; e (ii) o Espaço Internet, mais recentemente.

Envolvido no projeto de Alfabetização de Adultos, do Ministério da Educação, a ASUSC foi a entidade que assumiu a responsabilidade deste processo, desenvolvido, durante a década de 80, em Santana do Campo. Tendo em conta que se trata de um meio que é rural, uma boa parte da população começou a trabalhar no campo desde muito cedo, optando - em muitos casos, por motivos económicos - por não completar a designada “quarta classe” do ensino primário. Este projeto foi fulcral para a literacia, especialmente, da população idosa.

“Esta atividade, realizada nessa altura, nos anos 80, e eu era presidente da Direção da Sociedade, é uma coisa concreta e deveras importante no desenvolvimento social.” (palavras de José Manuel Pinto)

Esta oportunidade de aprendizagem e evolução académica, ainda que reduzida, foi importante no desenvolvimento social e pessoal da população e foi através da ASUSC que se conseguiu fazer esse combate ao analfabetismo, em Santana do Campo.

Mais tarde, na década de 2000, a associação criou o Espaço Internet, em colaboração com o MONTE ACE, para oferecer à população formação a nível informático. Instalou-se junto à sede um espaço com computadores e uma funcionária a tempo inteiro encarregue de gerir o espaço e dar formação aos seus utentes no uso das novas ferramentas dos computadores, bem como alertar para os riscos e as vantagens da internet. Apesar de já não estar em funcionamento – devido ao acesso generalizado à internet em casa - o Espaço Internet foi fulcral no desenvolvimento tecnológico e permitiu à população local, nomeadamente aos mais jovens, conhecer e trabalhar com computadores, atualmente indispensáveis em qualquer ramo de trabalho.

3.1.4. Memória: A perspetiva dos fundadores em relação à evolução da ASUSC

Em Santana do Campo, o associativismo acompanhou a evolução do tempo como forma de resposta às necessidades e oportunidades da população. Antes da fundação da ASUSC, a comunidade organizava-se temporariamente para desenvolver festas, bailes e jogos de futebol, sendo que as festas de verão em honra de Santa Ana eram as que compreendiam uma maior logística.

Filipe Coincas e Bernardina Almeida, em entrevista, relembram as matanças do porco no inverno, feita apenas pelas pessoas na sua casa, que tinha tanto de tradicional como de simples combate à fome. Destacam as tradições de Carnaval, como as festas nas casas da população e as partidas e também a “segunda-feira do borrego”, em que no dia a seguir à Páscoa toda a população ia para o campo onde, em jeito de piquenique, almoçavam borrego e conviviam durante a tarde. Estas tradições ainda se mantêm, mas de forma diferente. As festas de Carnaval envolvem atualmente um desfile de mascarados, a matança do porco, ainda que alguns membros da comunidade o façam nas suas casas, foi adotada pela ASUSC, que a combinou com o Cantar das Janeiras, no Dia de Reis. Ainda existem alguns elementos da população que celebram a segunda-feira de Páscoa, porém a maioria da população não o faz por motivos profissionais. A criação da Sociedade veio

formalizar estes costumes, organizando bailes com músicos, regularmente; e jogos de futebol com as localidades vizinhas no verão, e tomando conta da organização das festas de verão.

No período desde a fundação da Sociedade até à revolução de 1974, existia uma regulamentação para controlar a vida associativa e que impedia a livre expressão dentro das associações e durante os seus eventos. Era comum a presença da GNR, nos bailes da Sociedade.

“Por outro lado, há o 25 de Abril, há um período de liberdade criativa e de liberdade de poder de expressão que é depois transformada em coisas concretas, na evolução de estruturas, em novas dinâmicas sociais e culturais e de acesso à cultura e ao desporto.” (palavras de José Manuel Pinto).

Após a revolução, o direito à livre criação de associações e o apoio do poder local democrático permitiu uma resposta mais direta às necessidades da população, nomeadamente na construção de infraestruturas e atividades desportivas, bem como no apoio social às crianças, com o ATL, aos adultos, com ações de formação literária e informática e aos idosos, através do centro de dia.

Ao longo dos anos, os fundadores foram identificando um crescendo na regulamentação do movimento associativo, excessivo na sua opinião:

“... a atual situação não é a mesma de há 70 anos, as coisas também evoluíram, nós também temos que ser mais exigentes com as condições em que trabalhamos as atividades que desenvolvemos. (...) Tudo tem que ser regulado, de forma excessiva, na minha opinião, considerando que não há uma adequação à realidade, nem as associações são financiadas para se adequar à realidade legislativa.” (palavras de José Manuel Pinto)

São inúmeras as licenças e permissões necessárias junto das autoridades locais para a realização de uma festa pública, o que dificulta o trabalho das associações principalmente no orçamento necessário para a realização da mesma.

“O Estado tem obrigações do ponto de vista da promoção cultural, da promoção desportiva e do acesso ao desporto e à cultura, (...) tem obrigações também de financiar. E, às vezes, esta relação entre o poder legislativo, o poder executivo governamental, os poderes executivos locais e o associativismo, não têm condições para se encontrarem em igualdade de circunstâncias, porque o associativismo acaba por ser um parente pobre no meio deste quadro legislativo e de um

quadro de obrigações que cria dificuldades muitas vezes, sobretudo a associações como estas de pequenas aldeias.” (palavras de José Manuel Pinto)

Florêncio Barbeiro descreve a Associação de Reformados como uma “associação parada”, devido à falta de independência financeira. Os apoios do município e da Segurança Social são indispensáveis ao funcionamento do centro de dia e do apoio domiciliário. A receita que a Associação de Reformados tem através dos seus utentes e associados é inferior às despesas do centro de dia e do apoio domiciliário, o que torna a subsistência impossível sem estes apoios. O plano de adaptação do centro de dia a um lar, isto é, permitindo aos utentes que durmam nas instalações da associação, apresentado durante a direção de Florêncio Barbeiro, foi aprovado pela Segurança Social, porém não se concretizou por motivos financeiros. Como resposta a este entrave, Florêncio Barbeiro referiu o trabalho em rede entre os lares do concelho, afirmando que a proximidade entre as localidades permitiam, por exemplo, que a lavagem da roupa e confeção das refeições podia ser uma tarefa dividida por todos, ao invés de cada lar ter a sua cozinha e a sua lavandaria. A inexistência da opção de dormir no lar também prejudica o número de utentes, pois a procura para centro de dia é reduzida.

Os fundadores e ex-dirigentes associativos, em Santana do Campo, destacam o trabalho voluntário em prol da comunidade como o principal fator na subsistência das coletividades, sabendo que as dificuldades ao nível financeiro e temporal são uma constante, mas têm-se expressado de forma diferente ao longo do tempo. Se no passado a pobreza das populações rurais no Alentejo era o principal fator condicionante à evolução das tradições, no período após o 25 de abril a angariação de fundos e apoios tornou-se mais fácil. Com o passar dos anos, a diminuição do investimento na cultura e o crescimento das obrigações burocráticas criou uma nova faceta no problema da escassez de fundos nestas estruturas.

3.2. Democratização Cultural: Acesso de todos à diversidade de atividades

A Constituição da República Portuguesa em 1976, emanada do 25 de Abril, considera que a “liberdade de associação compreende o direito de constituir ou participar em associações”, dá aos cidadãos o poder de decisão para “livremente e sem dependência de

qualquer autorização, constituir associações,” e ao Estado a incumbência para promover “a democratização da cultura”.

A cultura popular é parte integrante da vivência e da identidade do nosso povo e terá, hoje e no futuro, uma função própria no acesso à cultura e na sua democratização. É igualmente coletiva essa responsabilidade. A cultura popular assenta em costumes milenares que o tempo moldou e reinventou, assimilou e vestiu novas roupagens, e perdurará como elemento integrador de múltiplas expressões, que subsistiram e hão de permanecer enquanto pilares identitários da mesma.

A ASUSC com a sua atuação dá um contributo determinante para que os associados e a população da aldeia, de outras freguesias e do concelho, com uma abrangência maior, em determinadas áreas possam usufruir da prática desportiva, recreativa e cultural.

No caso do desporto estão disponíveis o “Espaço Fitness” (ginásio com bicicleta, passadeira, gaiola de musculação e outros equipamentos); o “Circuito de Manutenção” que permite caminhadas e corridas pelo campo e o parque sénior, com máquinas de exercício na rua; o polidesportivo com possibilidade de praticar futebol e outras modalidades. O campo de tiro aos pratos, inaugurado em 1994, foi também um equipamento desejado por uma parte da população e construído com o apoio da autarquia, embora nos últimos anos tenha caído em desuso, quer por perda de interesse da população, quer pela falta de segurança do equipamento. Ainda no âmbito do desporto, foi inaugurado a 22 de fevereiro de 2020 o relvado sintético no mesmo sítio do antigo campo de futebol. Esta obra teve o apoio financeiro da Câmara Municipal de Arraiolos, mas apenas foi possível com a angariação de fundos levada a cabo pelo FCSC (apoiado pelas restantes associações da aldeia). O melhoramento das condições do campo, anteriormente em terra batida, abriu portas à inscrição de novos atletas, oriundos de todo o distrito de Évora, tendo em conta que a relva sintética é superior não só no conforto e higiene dos desportistas, bem como na prevenção de lesões.

A sede da ASUSC tem um espelho, fundamental para a prática da dança, nomeadamente, do hip hop. Aí se realizam também exposições e colóquios, conferências e pequenos espetáculos, bem como os bailes tradicionais, permitindo o desenvolvimento duma atividade cultural diversificada.

Neste plano, inclui-se também o recinto de festas onde jogos populares e outras ações se podem realizar. O desempenho das restantes associações e das autarquias

complementam esta forma de responder a necessidades culturais e desportivas, com uma socialização interessante para praticar desporto, aceder a manifestações artísticas e ao lazer. Para além destes equipamentos existe ainda o edifício da antiga escola primária onde as crianças têm acesso ao ATL.

3.3. Descentralização Cultural: A cultura em meio rural

Como referido no Capítulo 1, as populações serviram-se do associativismo (Leitão, Pereira, Ramos & Silva, 2009) para, por si, terem acesso não só à cultura, mas também aos serviços sociais:

“Há uma dinâmica coletiva com a liberdade de associação e também, claramente, com as câmaras municipais e com as juntas de freguesia, o poder local democrático, que cria também, através do apoio ao associativismo, condições para o desenvolvimento pessoal e coletivo totalmente diferente. E isso ajuda na formação dos jovens, na formação de uma geração que nasceu e vive em liberdade” (palavras de José Manuel Pinto).

Esta dinâmica coletiva está na base da criação de associações como a COPCAMPO e o CCD nos anos seguintes à revolução, como resposta à necessidade de ter produtos alimentares a preços acessíveis e à vontade de praticar futebol, respetivamente. Mais tarde, criou-se a Associação de Reformados como resposta social e o Clube de Caçadores, mais uma vez ligado à prática desportiva.

Estas associações nasceram da iniciativa popular, apoiadas pelo poder local democrático, sendo apenas possíveis graças aos direitos conquistados na revolução. A própria ASUSC, apesar de existir antes do 25 de abril, teve oportunidade de crescer e evoluir consoante as necessidades da população, na medida em que o Estado promoveu esta evolução e este investimento nas associações, ao invés de censurar e reprimir as mesmas. Além da formalização de tradições inerentes à cultura popular, a ASUSC encarregou-se de receber e albergar companhias de teatro, circo e outros artistas em digressão que se disponibilizaram para atuar em Santana do Campo, como por exemplo, o espetáculo de marionetas “Bonecos de Santo Aleixo”, dinamizado pelo CENDREV e a atuação do humorista Jorge Serafim, natural de Beja.

3.3.1. Cultura local no concelho de Arraiolos

No concelho de Arraiolos, é possível identificar e diferenciar três grandes áreas de atuação ao nível do associativismo:

- (i) As associações que atuam na área social;
- (ii) Os clubes desportivos;
- (iii) As coletividades de cultura e recreio.

Além da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos e da Santa Casa da Misericórdia de Vimieiro, existem no concelho mais sete IPSS, sendo que no seu conjunto abrangem valências de creche, CATL-Centro de Atividades de Tempos Livres, jardim de infância, lar, centro de dia, apoio domiciliário e centro de convívio. Estas IPSS têm protocolos com a Segurança Social, sendo estes acordos fulcrais para o funcionamento das instituições. Na área dos pensionistas e reformados devemos ainda considerar mais cinco associações sem inscrição como IPSS.

Na área desportiva o concelho de Arraiolos conta com dezassete associações. A maioria está ligada ao futebol, mas existem – além das coletividades que se focam em mais que um desporto – associações focadas no ciclismo, caça e pesca, columbofilia, orientação e malha.

Na área da cultura e recreio existem, além da ASUSC, outras quinze coletividades. Com especial foco em atividades recreativas e de lazer, destacam-se:

- (i) Centro Nacional de Escutas – Agrupamento de Arraiolos
- (ii) Sociedade 1º de Janeiro – sedeada em Bardeiras, Freguesia de Vimieiro
- (iii) Sociedade 1º de Novembro – sedeada em Carrascal, União de freguesias de S. Gregório e Santa Justa
- (iv) Sociedade Recreativa Irmãos Unidos do Sabugueiro
- (v) Sociedade Recreativa Aldeia da Serra
- (vi) Sociedade Recreativa de S. Pedro da Gafanhoeira

As associações que focam o seu trabalho numa arte específica são as seguintes:

- (i) Grupo Musical e Recreio Valpereirense
- (ii) Sociedade Filarmónica 1º Abril Vimieirense

- (iii) Sociedade Musical União Vimieirense
- (iv) Imagem Impressa – Oficina de gravura em Arraiolos
- (v) Rancho Etnográfico “Os Camponeses” de Arraiolos

Ao nível transdisciplinar existem ainda as seguintes associações:

- (i) Associação Casa das Artes – situada em Arraiolos, oferece formação em música, dança e artes marciais;
- (ii) Associação Cultural Cortéxcult – situada em Arraiolos, organiza exposições e workshops nas artes visuais, performativas, música e literatura;
- (iii) União Recreativa e Cultural Igrejinhense – trabalha nas áreas da poesia e música popular e tradicional;
- (iv) Centro Social Recreativo de Cultura e Desporto da Igrejinha – desenvolve projetos nas áreas da dança, artes marciais, marchas populares e outras atividades de recreio.

Como se pode comprovar, as sociedades recreativas ocupam a maior parte desta lista. Seguem-se a música e dança, respetivamente. As restantes áreas da cultura são escassas ou inexistentes ao nível associativo, e a oferta cultural recai sobre eventos esporádicos das associações recreativas e transdisciplinares – com exceção da maioria da oferta cultural, dinamizada diretamente pela Câmara Municipal e pelas Juntas de Freguesia.

3.4. Identidade Local

3.4.1. Dimensão histórica: Vestígios neolíticos e romanos

O território de Santana do Campo é habitado desde o período neolítico, como o comprovam as antas da Filtreira e do Monte da Freixa, identificadas por António Carlos Silva e José Perdigão na sua obra “Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos”, em 1998. Além dos vestígios deixados pelas antas, pouco se sabe sobre a povoação que aqui habitava. Já no período romano, existem vários vestígios que comprovam a presença de uma civilização neste local, com especial destaque para as ruínas de um templo na fachada da igreja (Anexo 2).

“Deste local são provenientes duas inscrições, hoje perdidas, que referem a divindade indígena “Carneus Calanticensis”. É sugerida por alguns autores a existência nesta localidade de vestígios de um “vicus” cujo nome seria “Calanta, Calantica ou Calantum”, de acordo com as referidas inscrições” (Silva & Perdigão, 1998:72)

Cunha Rivara, historiador arraiolense do séc. XIX, também refere uma povoação romana em Santana do Campo cujo nome, segundo André de Resende, seria Calântica. Refere também a transformação do templo em igreja cristã, apesar de terem resistido “quase três quartas partes da construção romana.” (Rivara, 1983: 4). Apesar de não se saber a data da construção da igreja, acima da porta principal está marcado o ano de 1884, data em que foram feitas obras de restauração.

3.4.2. Costumes e Tradições: A “Terra da Poupa”

A “Lenda da Poupa” é uma história que, não tendo influência no quotidiano da aldeia atualmente, está presente no imaginário de toda a população de Santana do Campo e das aldeias vizinhas. Reza a história que, num dia de manhã, algures no final do século XIX, no rossio, a população viu um vulto a sair pela janela da Igreja. Julgando ser Santa Rita, começaram a correr atrás dela, com o objetivo de retornar a santa ao altar. Ao fim de uma longa corrida, perceberam que se tratava de uma poupa, que foi pousar numa pedra na Herdade da Serrana, desde então conhecida como o “Penedo da Poupa”, situada a cerca de 5 km da aldeia.

Se, na altura, a história começou com um tom jocoso, o nome “Terra da Poupa” ficou associado a Santana do Campo. Contam-se histórias de indivíduos que correram atrás da poupa e ficavam ofendidos com a alcunha. Hoje em dia, é um caso diferente, quer seja pela distância temporal, quer pela perda de influência da religião católica, nas gerações mais recentes – o clube de motorizadas, de Santana do Campo, reutilizou a expressão e denomina-se “Clube Moto Poupas” e a Escolinha de Futebol chama-se “Os Poupinhas”.

Destacam-se ainda as atividades de tempos livres, que permitem uma colaboração e partilha de recursos em diversas dimensões, unindo a ASUSC e a Associação de Reformados, de Santana do Campo, em planos diversos e de relevância no campo da ação entre gerações. Para além da sociabilidade e influência recíproca entre as associações,

devemos ainda considerar de enorme vantagem a transmissão de conhecimento entre os mais velhos e os mais novos.

Há aspetos positivos a registar nesta interação de partilha de meios, destacando-se duas atividades:

- (i) O fornecimento de refeição escolar e lanche por parte da Associação de Reformados: As refeições são cozinhadas na ARSC e são servidas às crianças, tanto na época escolar, como no período de férias. Em ocasiões festivas ou dias comemorativos, as refeições ocorrem em conjunto;
- (ii) A realização da cozedura de bolos no forno comunitário: Bolos Fintos ou Bolos da Páscoa.

O forno era “conhecido entre a população local como forno do povo” (Daniel Freixa, citado em Lopes, 2010:69), situação que até hoje se verifica. Sabe-se que este forno foi utilizado, regularmente, pela população até à década de 60 do séc. XX, sendo que,

“[...] nos anos 90, o forno volta a ganhar uma nova dimensão, passando a funcionar como elemento simbólico e memorial de outros tempos, assumindo importância enquanto elemento patrimonial da aldeia de Santana” (Freixa citado em Lopes, 2010:72).

AASUSC, a Associação de Reformados, Câmara Municipal de Arraiolos, a Junta de Freguesia de Arraiolos (entidade responsável pelo forno) e o Agrupamento de Escolas de Arraiolos trabalham em conjunto para a realização deste evento tradicional da cozedura dos bolos fintos, durante a época da Páscoa. Tratando-se de um costume da escola primária de Santana do Campo, e da pré-primária itinerante, após o fecho destas, em 2009, a tradição manteve-se: o autocarro da Câmara traz as crianças da sede do concelho até à aldeia e estas, em conjunto com a população (maioritariamente idosa), confeccionam e cozem os bolos no forno.

Graça Amante, professora do Agrupamento de Escolas de Arraiolos e ex-professora da Escola Primária de Santana do Campo, descreveu o espírito da comunidade em relação a este evento:

“[...] toda a localidade nesse dia sabia que havia aquela atividade e organizou-se em torno daquilo (...) e ali não há *n* entraves que existem noutros sítios (...), há um conjunto de sinergias que se cruzam para que as coisas funcionem (...), mas a comunidade organiza-se e a

comunidade resolve, o dinheiro não está à frente de tudo nem o tempo; estão as tradições, estão os valores e está a comunidade” (citado em Menêzes, 2018a: aos 24 minutos e 30 segundos).

Existe um esforço da população não só para manter as tradições, mas também para partilhar a sua história e sabedoria. Esta “sinergia” entre duas gerações em polos opostos do espectro da vivência humana é fundamental na formação dos mais jovens e no conceito de “envelhecimento ativo”, isto é, combinar a força e energia das crianças à paciência e sabedoria dos mais idosos, melhorando a qualidade de vida da grande maioria da população.

Antes do fecho da escola primária e pré-primária itinerante, em Santana do Campo, era tradição fazer uma festa de final de ano onde também se utilizava o forno do povo, não só para cozinhar o almoço como também, por exemplo em 2009, para fazer a confeção de pães com chouriço, mais uma vez, pelos alunos da escola e com ajuda dos avós e utentes do centro de dia da Associação de Reformados.

“Esta atividade pedagógica e lúdica tem algumas curiosidades, sendo uma delas a relação que as escolas e a vida associativa procuram estimular entre uma componente educativa para os alunos, através de uma demonstração de como a cultura do pão é intrínseca ao forno e essencial para a alimentação, proporcionando um convívio entre os alunos de uma e outra escola. Havia também uma componente também de interação com a comunidade local, ao dar vida à aldeia. Grande parte das preparações da festa decorreram na sede da ASUSC” (Daniel Freixa, citado em Lopes, 2010:91).

3.4.3. Photovoice: As perceções sobre as associações locais e o seu trabalho na comunidade

Como referido no capítulo 2, nesta pesquisa o método Photovoice (Wang & Burris, 1997; Hunter, Leeburg & Harnar, 2020) deu voz aos habitantes locais, participantes que remeteram a análise para dois eventos (A e B) que consideraram os mais importantes enquanto manifestações do trabalho das associações locais, em Santana do Campo.

O evento A é a festa das marchas populares, realizada a 21 de junho de 2025, e teve como mote “destacar um elemento da festa que demonstre/ilustre o trabalho da nossa comunidade”. A festa das marchas populares organizada pela Câmara Municipal de Arraiolos é realizada na sexta-feira mais próxima do dia de Santo António, pois, o feriado

municipal de Arraiolos é a “quinta-feira de ascensão”. Esta festa está incluída no programa do evento “O tapete está na rua”, também organizado pelo município e que visa celebrar e enaltecer o artesanato e a tradição de Arraiolos. Nos fins de semana seguintes, algumas das marchas participantes organizam os seus próprios desfiles e apresentações e convidam as marchas do concelho - em localidades mais próximas da extremidade do concelho, como Sabugueiro e Vimieiro, são também convidadas marchas de concelhos vizinhos.

O evento B são as festas de verão de Santana do Campo, realizadas entre os dias 18 e 20 de julho de 2025. Esta é a tradição mais antiga da aldeia, que engloba uma panóplia de atividades que decorrem ao longo de três dias. Esta festa é organizada não só pelas associações, mas também por voluntários. Com apoio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia e com os patrocínios de várias empresas e entidades com alguma ligação a Santana do Campo, é aqui que se encontram “velhos amigos” que hoje vivem longe da aldeia, mas que fazem questão de visitar e ajudar nesta festa.

Os nove participantes que aceitaram o desafio destacaram os seguintes momentos destes dois eventos:

A1) A Participante 1 fotografou a imagem que representa, como indicado na descrição que escreveu, “a nossa marcha no nosso rossio”.

Foto 1 – “A nossa marcha no nosso rossio” - Participante 1

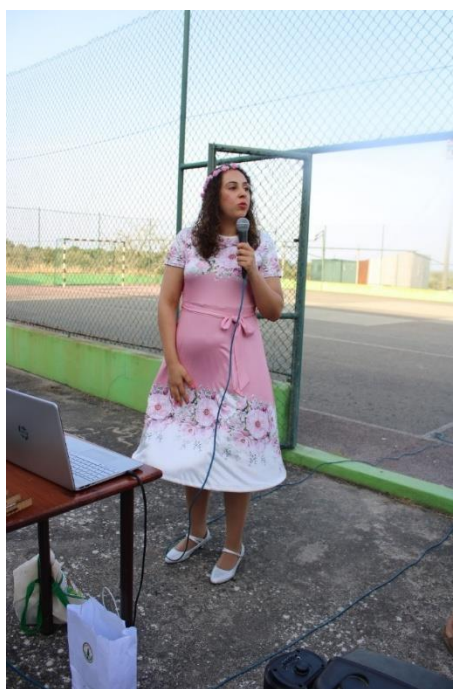


O Largo 1º de Maio, vulgarmente denominado de rossio, é o centro da vivência em Santana do Campo, apesar de atualmente não ser o centro geográfico da aldeia. O rossio representa um “terreno largo, fruído em comum pelo povo”

(<https://dicionario.priberam.org/rossio>). Além do desfile de todas as marchas pela aldeia, podemos identificar nesta imagem dois pontos fulcrais do quotidiano em Santana do Campo: a mercearia da COPCAMPO e o café “O Cruzeiro”, assim denominado em honra da cruz de mármore no centro do largo. Além destes dois, estão presentes no largo o forno comunitário - atualmente utilizado em eventos específicos, como descrito - e a igreja, onde continua a haver missa todos os domingos. Podemos também identificar o sentido de comunidade no uso dos pronomes possessivos plurais na descrição da autora da foto, que destaca a combinação do resultado do trabalho da comunidade com o rossio, local mais importante da aldeia.

A **Participante 1** apresentou ainda a foto 2:

Foto 2 – “Juventude corajosa na direção da associação” - Participante 1



Esta imagem apresenta a presidente da ASUSC, durante o discurso inicial do evento. A direção da associação conta com membros entre os 22 e 33 anos de idade, desde 2024. Todos estão pela primeira vez na direção. Esta “juventude corajosa” – de que nos fala a **Participante 1** - representa o renovar do ciclo que mantém a ASUSC e, consequentemente, a aldeia viva e dinâmica. Sendo que não existe uma associação de

jovens em Santana do Campo, a presença das gerações mais novas na organização e nas tomadas de decisão da oferta cultural e recreativa é fulcral para manter a população ativa, garantindo que o trabalho das associações continua relevante e dependente da comunidade, em geral, e não apenas de um grupo reduzido de pessoas que se encarrega desta missão há muitos anos.

Um dos problemas que o interior de Portugal enfrenta é o despovoamento, e fixar a população jovem é o principal objetivo de todos os que vivem longe dos grandes centros. Felizmente, em Santana do Campo, existe um grupo de jovens que gosta da vivência na aldeia e que se esforça para garantir esta oferta cultural através do associativismo.

A2) A Participante 2 fez duas fotos.

Não escreveu nenhuma frase, mas estas são duas fotografias também sobre o desfile. A primeira junto ao polidesportivo, local da festa, e onde são apresentadas as coreografias; a segunda foto foi tirada na rua 25 de Abril, onde podemos ver a sede da associação, ao fundo. Com destaque para a marcha de Santana do Campo a liderar o desfile, podemos também identificar a marcha do rancho etnográfico “Os Camponeses” de Arraiolos, seguida da marcha de São Pedro da Gafanhoeira, aldeia vizinha. Estas duas marchas foram convidadas para participar neste evento.

Foto 3. Sem título. (Jovens no início do desfile em Santana do Campo) -Participante 2



Foto 4. Sem título. (Jovens durante o desfile em Santana do Campo) - Participante 2



A3) A Participante 3 tirou uma foto que representa a coreografia ensaiada pelos marchantes de Santana do Campo, durante a sua apresentação no evento. Foi tirada da bancada dos espectadores e destaca o arco já observado em imagens anteriores e o moinho de vento, tema principal da marcha deste ano, e construído para esta marcha.

Foto 5 – Sem título. (O desfile e o moinho de vento) -Participante 3



A4) O Participante 4 escolheu duas fotos que fez durante o evento. Estas duas imagens representam os bastidores da festa. A primeira, que intitulou de “Making”, representa os participantes da marcha de Santana, na manhã do evento, a preparar as mesas para o jantar dos marchantes, locais e convidados.

Foto 6 – “Making” – Participante 4

Foto 7 “Marchas Populares” - Participante 4



A segunda foto foi descrita com a frase “Marchas Populares”. Mostra-nos os voluntários da população de Santana do Campo a confeccionar o referido jantar, sardinhas e bifanas, à boa maneira dos Santos populares. Este é o “trabalho que ninguém vê”, mas é essencial a todos os eventos. Os habitantes de Santana do Campo orgulham-se de receber bem os seus convidados, e é apenas através deste esforço feito por “amor à camisola” que se tornam possíveis todas as festas. Nestas duas imagens ficam visíveis ainda as longas horas de trabalho voluntário que tornaram este evento possível.

B1) O Participante 5 destacou a sua foto tirada um dia antes da festa começar. A foto ilustra uma parte importante do trabalho de preparação: a montagem de uma estrutura que proteja do sol quem está de serviço ao assador. Apesar da maior parte da festa ser à noite, também é costume servir almoços, sábado e domingo, e o sol alentejano juntamente com o calor do assador não dão tréguas. Este é apenas um exemplo de várias gerações a trabalhar em conjunto em prol da comunidade.

Foto 8 – “A entreaajuda da comunidade a preparar com dedicação as festas de verão que mantêm viva a alma e a tradição da terra” – Participante 5



B2) Estas duas fotografias foram tiradas pelo **Participante 6** e são referentes ao passeio de motorizadas em que participou.

Fotos 9 e 10 – Sem título. (Passeio de motorizadas: o convívio) - Participante 6



A primeira foto foi tirada em frente ao Arraiolos Multiusos, um pavilhão de festas, na sede do concelho; e a segunda, foi captada durante o almoço que se seguiu ao passeio. Desde 2023, a participação neste passeio tem vindo a crescer, contando com cerca de 80 motos e ainda mais pessoas, em 2025. O passeio e o almoço têm um custo incluído e tem garantida a “casa cheia” no almoço de sábado, mesmo nos anos em que o calor impede a população de ir almoçar às festas.

B3) A Participante 7 escolheu falar sobre a quermesse que considerou “uma peça fundamental” das festas, a animação.

A venda de rifas na quermesse é tradição antiga não só em Santana do Campo, mas um pouco por todo o país. A organização dos prémios, enrolar as rifas e os turnos durante a festa ficam desde sempre a cargo das gerações mais novas, e, nos últimos 20 anos, este trabalho é feito em colaboração com o ATL. Em Santana do Campo foi este o método que se descobriu para que as crianças e adolescentes também dessem o seu contributo, o que fazem sempre com muito orgulho.

Foto 11 – “A quermesse faz parte das festas. É importante porque tem como objetivo arrecadar fundos para causas sociais, por exemplo”. – Participante 7

Foto 12 – “Uma peça fundamental para o entretenimento das festas da aldeia é a animação” – Participante 7



A Foto 12 representa a banda principal sob o olhar atento das crianças. Apresentando um espetáculo com cerca de quatro horas de duração, os músicos tocam vários estilos de música diferentes para agradar a todas as gerações, desde a tradicional música de baile até ao rock clássico dos anos 80, passando pela música infantil e, ocasionalmente, o fado. Tendo em conta que o “bailarico tradicional” não tem a afluência que tinha há 20 ou 30 anos, este tipo de bandas fez questão de se adaptar e evoluir com o tempo, como comprova a foto da **Participante 7**.

B4) A Participante 8 descreveu assim a sua fotografia das festas populares:

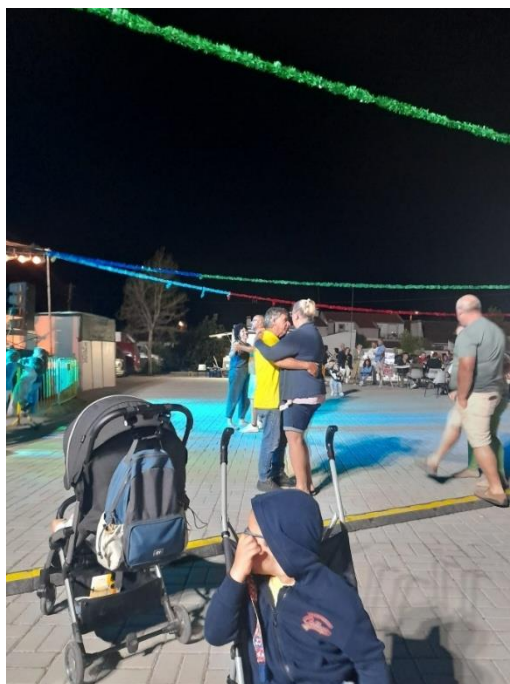
Foto 13 – “As festas populares são muito mais do que música e luzes... são encontros, são memórias, são raízes, são gerações que se cruzam” – Participante 8



Esta foto captou um momento especial durante a festa: vendo a pista do baile vazia, os trabalhadores da festa juntaram-se e foram dançar com a banda. Apesar da prioridade ser o serviço, é importante que a festa esteja animada e dinâmica. “Momentos de rara beleza” foi uma frase que se ouviu neste mar amarelo. As festas de verão são, como diz a descrição da **Participante 8**, autora da fotografia: “encontros de velhos amigos”, tradições que se preservam e sabedoria que se passa de geração em geração. O sinal de uma boa festa é quando, no final, se ouve “pró ano temos que...” isto é, a procura de fazer sempre melhor. A alegria e boa disposição dos voluntários é o coração destes eventos, e, em Santana do Campo, mais do que servir bem os consumidores, é importante servi-los com um sorriso e receber um sorriso de volta.

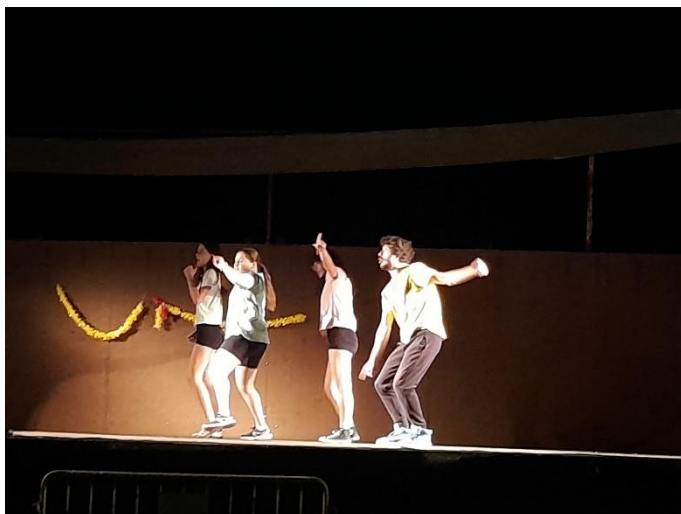
B5) A Participante 1 ilustrou a festa como um “encontro de gerações” e o momento da “prata da casa”.

Foto 14 – “Encontro de gerações” – Participante 1



Esta é mais uma imagem que reflete a essência da festa: o “encontro de gerações”. Dois casais adultos a dançar e o olhar atento da criança à banda. É este encontro de gerações que dá vida e mantêm viva a festa, quer seja pelo envolvimento dos mais novos no planeamento e execução da festa, quer pela sua interação durante o evento. Como referido anteriormente, é comum o regresso a casa dos “filhos da terra” que vivem longe de Santana do Campo. As crianças têm a oportunidade de conhecer familiares (mais ou menos distantes) durante estes dias e, em alguns casos, brincar com os primos que só veem uma vez por ano.

Foto 15 – “Prata da casa ♥” – Participante 1



Esta é uma fotografia da apresentação do grupo de hip hop “NRG”, tradição do domingo das festas de verão desde a sua formação. Como sempre, houve uma apresentação de alguns grupos convidados e os “NRG” fecharam o espetáculo. Com esta foto também ficou registada a minha participação (sou o quarto elemento). “Viva a prata da casa” foi o grito que se ouviu quando este grupo subiu a palco. Apesar das camisolas amarelas da Foto 13, tirada pelo **Participante 8**, durante a “noite amarela”, o verde – cor original do coração - está ligado a Santana da Campo, já que o FCSC joga com a camisola verde e branca - e a grande maioria da população é adepta do Sporting Clube de Portugal.

B6) O Participante 4 ilustrou o “momento solene” e os “guardiões da tradição”.

Foto 16 – “Padroeira, momento solene” – Participante 4



Esta foto representa a tradição mais antiga e que, provavelmente, estará na origem das festas: a procissão em honra de Santa Ana, padroeira da aldeia. Embora, atualmente, o evento seja apenas denominado “Festas de Verão”, a tradição religiosa está assente na festa, que conta sempre com a procissão. O **Participante 4** ilustra o final da procissão, de volta à porta da igreja, depois de passar por toda a aldeia. No Anexo 3, podemos ver duas fotografias desta procissão a passar pela mesma rua, sendo que uma foi tirada já na segunda década do séc. XXI e a outra pensa-se que terá sido nos anos 50 do séc. XIX.

Foto 17 – “Comissão de Festas – Guardiões da tradição” – Participante 4



Esta fotografia foi tirada durante o discurso de encerramento da festa. Este grupo de voluntários (somando os que não couberam no palco) encerrou a festa, como de costume, agradecendo a toda a gente envolvida: seja a trabalhar, seja com apoio logístico ou financeiro (autarquias e patrocinadores, respetivamente), seja apenas a visitar e consumir. É sempre um motivo de orgulho quando a festa corre sem incidentes, e, apesar da comissão nunca conseguir controlar tudo o que se passa na festa, é graças ao trabalho árduo de todos/as, nos dias anteriores, durante e depois da festa, que qualquer possível acidente se previne. À data em que escrevo este texto, ainda não estão disponíveis os valores das despesas e receitas da festa, cujo lucro é fulcral para o desenvolvimento das restantes atividades das associações da aldeia. Porém, apesar das noites não terem sido tão quentes como noutros anos, a festa foi considerada um sucesso por parte de todos os envolvidos.

B7) Por último, uma fotografia tirada no dia seguinte à festa, em que todos os voluntários se juntaram para arrumar, limpar e fazer um almoço convívio. O **Participante 9** fotografou “o fim da guerra”.

Foto 18 – “O fim da guerra” – Participante 9



Ao fim de vários dias com muitas horas de trabalho e poucas de sono, esta imagem e a sua descrição refletem bem o espírito de quem trabalha nas festas de Santana do Campo: manter o bom humor e camaradagem durante todo o evento. Chegando “o fim da guerra”, todos podem descansar com a sensação de dever cumprido.

A população de Santana do Campo enalteceu o seu trabalho e a sua terra, através de pequenos momentos e detalhes que consideraram meritórios de destaque. O trabalho de grupo, o cruzar de gerações e as tradições são os temas que dominam este conjunto de resultados, do qual podemos concluir que são estes os valores mais importantes para a comunidade.

Conclusão

Nesta investigação procurou-se, através do estudo da ASUSC e das associações de Santana do Campo, descrever e discutir o papel do associativismo na democratização e descentralização da cultura e na sua representação da identidade local.

Apresentados os principais resultados, podemos concluir que, comparando o enquadramento da pesquisa com a dimensão histórica do associativismo, em Santana do Campo, o padrão do movimento associativo observado nesta aldeia, localizada no distrito de Évora, coincide com a tendência geral no país. No período da Ditadura, a criação de associações era limitada e condicionada pelo Governo, pelo que “se regista, em muitos casos, um desinvestimento associativo que se manifesta num reduzido índice de criatividade cultural, restando apenas um espaço de sociabilidade e a prestação de alguns serviços” (Viegas, 1986:107). O trabalho desta Sociedade, em Santana do Campo, antes do 25 de abril, centrou-se na formalização das festas e bailes populares.

“Os diretores fundadores da associação tiveram, na altura, muitas vezes alguns problemas com a realização dos bailes e dos ajuntamentos. A sociedade era visitada com frequência pela GNR. Não tenho conhecimento de uma atividade política dentro da coletividade, ou de resistência ao Estado Novo [...]” (palavras de José Manuel Pinto)

A presença das autoridades junto das associações era comum em todo o país e, sobretudo no Alentejo, uma região rural e necessitada que teve um papel importante na revolução e nos anos seguintes, por exemplo, no processo da Reforma Agrária.

Após a revolução, a liberdade de criação de associações e o incentivo do Estado, principalmente do poder local democrático, permitiram ao desenvolvimento social e cultural em Santana do Campo. Obras públicas no âmbito desportivo, social e cultural – as obras no campo de futebol, a construção do posto médico e as adaptações à sede da sociedade, respetivamente – tornaram-se possíveis pelo trabalho conjunto das coletividades em Santana do Campo e das autarquias.

A evolução das atividades e infraestruturas das coletividades locais acompanha as necessidades da população. A popularidade do futebol foi motivadora – em ordem cronológica – para a oferta do terreno à Sociedade, a construção da bancada, a construção dos balneários, a adaptação do campo às normas regulamentares, a construção do edifício sede, reparação das bancadas e a instalação de um relvado sintético.

O Centro Cultural e Desportivo e o Futebol Clube de Santana do Campo foram fundados para participar nos campeonatos de futebol e garantir acesso ao desporto, em Santana do Campo. No parâmetro social, a construção do posto médico foi possível através de uma comissão pontual; a ASUSC desenvolveu projetos de formação para adultos e jovens, como o projeto de alfabetização e o espaço internet, transformou-se em IPSS e assumiu um protocolo com a Segurança Social para prestar apoio às crianças com o centro de atividades de tempos livres e a escolinha de desporto, propôs obras como o polidesportivo e ginásio adjacente, a reparação do recinto de festas, o circuito de manutenção e as adaptações na sua sede – a construção de uma cozinha e sala de refeições, a instalação de um espelho, a reparação das casas de banho e adaptações relativas à segurança das crianças do ATL; e foi fundada a Associação de Reformados para responder às necessidades da população idosa com o centro de dia e apoio domiciliário.

No campo cultural, todas as associações trabalham em conjunto para manter os costumes e tradições da cultura popular local, a ASUSC criou um estúdio de danças urbanas e organiza eventos com artistas e académicos – espetáculos, exposições e seminários.

Os fundadores e ex-dirigentes associativos destacaram como principal motivo das atividades das associações o trabalho voluntário. De um modo geral, consideram que a comunidade de Santana do Campo tem estado e continua disposta a trabalhar em conjunto para seu próprio benefício. A oferta cultural e social, em Santana do Campo, justifica-se com e pela “boa vontade” das pessoas, como disse Florêncio Barbeiro em entrevista. Todos os entrevistados identificaram os entraves burocráticos e, consequentemente, financeiros como a principal dificuldade no trabalho das associações locais. Consideram que associações desta dimensão têm dificuldade em cumprir com a regulação imposta pela lei devido ao esforço financeiro necessário à sua atividade e subsistência e por esse motivo os planos de atividades são reduzidos.

Já no que diz respeito à dimensão da identidade local, os participantes do Photovoice, habitantes locais, destacaram as festas e a cultura popular. Em particular, dois eventos mereceram a sua atenção: a) a festa das marchas populares e b) as Festas de Verão.

No evento A, ficou representada a marcha popular nos locais mais importantes da comunidade (Fotos 1, 3 e 4), a perspetiva para o futuro (Foto 2), o tema da marcha – moinhos de vento – e a sua ligação com a tradição alentejana (Foto 5) e os bastidores da

feira (Fotos 6 e 7). No evento B, destacou-se também o trabalho voluntário da população (Fotos 8, 13, 17 e 18), o convívio (Fotos 9, 10 e 13), o valor da interação entre gerações dentro da comunidade (Fotos 11, 12 e 14), a junção entre cultura popular e cultura moderna presente no evento (Foto 15) e a tradição (Fotos 16 e 17).

Podemos então concluir, através desta pequena amostra, que os habitantes locais que participaram nesta pesquisa valorizaram o trabalho voluntário, os seus costumes e tradições, na terra, e procuram incentivar a população mais jovem a manter esses costumes e tradições através do seu trabalho, envolvimento e compromisso com as festas da aldeia, mantendo as atividades das associações e evoluindo consoante as necessidades e os interesses da comunidade.

Hoje, o plano de atividades da ASUSC tem objetivos na ordem do apoio social, cultural e desportivo e da sustentabilidade. No Anexo 4, podemos verificar o Plano de Atividades proposto pela ASUSC, no ano de 2020, com destaque para o Centro de Atividades de Tempos Livres e o seu papel na formação cívica, cultural, física e intelectual das crianças. Os eventos tradicionais e datas comemorativas destacam-se no campo recreativo e de cultura popular, e os projetos como a classe de dança, o boletim da associação, “Alentejo da Minha Rua” e “Santana do Campo – Acrescentar vida aos anos de história” dominam a face cultural desta associação.

A integração das crianças e dos jovens na comunidade através das iniciativas da ASUSC é o principal foco da associação, que procura desta maneira investir no futuro através da transmissão de costumes e valores da comunidade, incentivando à fixação da população na aldeia. Esta oferta cultural centra-se na tradição e cultura populares, mas procura diversificar-se com atividades regulares como a classe de hip hop e eventos esporádicos de outros âmbitos artísticos ou culturais como o circo ou noites de fado. Os dados fornecidos pela associação demonstram uma maior adesão aos eventos recreativos e ao ATL, adesão média e oscilante à classe de dança e uma adesão forte ao ginásio, no início, mas tornou-se inconstante e, atualmente, é reduzida.

Fazendo o balanço geral entre as atividades desenvolvidas pelas associações e a perspetiva da comunidade, existe uma congruência constante entre os interesses e necessidade da população e a oferta cultural e social das coletividades, que representam a população de Santana do Campo junto dos órgãos do poder local democrático.

Nas dimensões da democratização e democracia cultural, o acesso a objetos e eventos culturais, em Santana do Campo, é relativamente vasto. As associações locais organizam eventos durante todo o ano e gerem atividades variadas, nomeadamente no desporto e dança. As manifestações culturais são, à exceção da classe de hip hop, centradas nos costumes e tradições da cultura popular.

Embora esta tenha o seu valor e seja um fator importante na comunidade, o conceito de formação de públicos não está muito desenvolvido:

“Em contexto institucional, combatendo no seu âmago a fixidez espaço-temporal que serve as lógicas de reprodução, a formação de públicos será devedora da durabilidade, sistematicidade e sustentabilidade de práticas inovadoras (...) essenciais para a transformação das práticas e a construção de novos comportamentos, isto é, de novas formas de relação com a cultura e a arte, com implicações nas camadas mais profundas do habitus, nomeadamente esquemas cognitivos de perceção e de classificação que estão na base da produção das identidades” (Lopes, 2009:10).

A transformação dos hábitos culturais é, em Santana do Campo, um conceito pouco prioritário para as associações. Não se verificando um problema de acesso, sobretudo com as facilidades das novas tecnologias, não há um investimento regular em formas de cultura alheias à tradição alentejana. O grupo de hip hop, que apresenta, desde 2005, grandes oscilações na sua adesão, é um bom exemplo da exposição desta comunidade a outras formas artísticas e gerou uma familiaridade da população com as danças urbanas. No entanto, este exemplo é único em Santana do Campo, e os habitantes interessados noutras expressões culturais acabam por ter de se deslocar para esse efeito. Existe, por isso, no plano das coletividades, espaço para melhorar na vertente de familiarizar os públicos com diferentes expressões artísticas e culturais.

A perspetiva para o futuro da ASUSC é a de sustentabilidade a quatro níveis:

- (i) A nível humano e social, com a formação das crianças no ATL e a inserção dos jovens no movimento associativo e também através do objetivo de adicionar o lar com dormidas às valências do centro de dia e apoio domiciliário;
- (ii) A nível económico, com os lucros das festas e eventos realizados e com os apoios das autarquias, do Governo central e da Segurança Social;

- (iii) A nível ecológico, um parâmetro que foi criado junto do Projeto Eco Escolas para a formação e instrução das crianças do ATL – e até ao seu encerramento, da Escola Primária e pré-primária itinerante – e que dinamiza a proteção e conservação ambiental, influenciando todas as ações da ASUSC;
- (iv) A nível cultural, com a preservação da cultura popular, costumes e tradições e a adaptação destes à cultura moderna.

As gerações mais novas - que se inseriram no movimento associativo em Santana do Campo - mostram a mesma disposição para o trabalho voluntário inerente ao associativismo e diversificam as atividades, conjugando elementos tradicionais e contemporâneos – por exemplo, nos últimos anos o programa das festas de verão acrescentou espetáculos de música moderna e “DJ” à música de baile popular. Por outro lado, o crescimento da popularidade do Cante Tradicional Alentejano em todas as faixas etárias também é visível nos programas de vários eventos dinamizados pelas coletividades, em Santana do Campo.

Um dos principais objetivos de todas as associações é garantir que a população jovem tem condições e motivações para estabelecer residência em Santana do Campo, daí a maioria dos projetos serem direcionados para as crianças e jovens, procurando colmatar dentro das suas possibilidades uma das maiores desvantagens do estilo de vida mais pacato inerente às populações longe dos grandes centros: a falta de acesso a opções culturais, recreativas e de lazer. Sabendo que esta é uma tarefa interminável e hercúlea, cabe às associações defender os interesses da população junto do poder local, e é através do associativismo que o poder local consegue ter uma oferta cultural mais variada, ou seja, é através desta simbiose entre autarquias, freguesias e associações que é possível manter a população a viver nestas localidades longe de grandes centros e caracterizadas pela maioria dos cidadãos serem reformados e idosos, colmatando as deficiências no acesso à cultura e recreio destas populações em comparação com grandes áreas metropolitanas como Lisboa ou Porto.

O futuro da aldeia passa por enfrentar as dificuldades financeiras e de despovoamento, manter as tradições e permitir que estas evoluam consoante os interesses da população e responder às necessidades sociais da comunidade.

Bibliografia e fontes

- BOTELHO, I. (2001). As dimensões da cultura e o lugar das políticas culturais. *São Paulo em Perspectiva*, 15, n. 2, 73-83.
- BOURDIEU, P. & DARBEL, A. (1969). *L'Amour de l'Art*. Dominique Schnapper (Colab.). Paris : Éditions de Minuit.
- BRYMAN, A. (2012) *Social Research Methods*. Oxford University Press.
- CAUNE, J. (1999). *La Culture en Action. De Vilar à Lang: le sens perdu*. Grenoble: Presses Universitaires.
- FERRÃO, J. (2018). Despovoamento em áreas rurais: entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. *Cultivar. Cadernos de Análise e Prospetiva*, 11, 13-19.
- GARCIA, B., SILVA, S., ANDRADE, A. D., & RAMOS, G. (2020). Evolução da população e o despovoamento no interior de Portugal: o caso do Concelho de Bragança.
- HUNTER, O., LEEBURG, E., & HARNAR, M. (2020). Using photovoice as an evaluation method. *Journal of MultiDisciplinary Evaluation*, 16 (34), 14-20.
- LACERDA, A. P. (2010). Democratização da Cultura x Democracia Cultural: os Pontos de Cultura enquanto política cultural de formação de público. In Seminário Internacional de Políticas Culturais: Teorias e práticas. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- LEITÃO, S. C., PEREIRA, G., RAMOS, J., & SILVA, A. (2009). Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal. Lisboa: Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura Recreio e Desporto.
- LOPES, B. (2010). Conversas à volta de Santana do Campo. Associação Social Unidos de Santana do Campo.
- LOPES, J. T. (2009). Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural. *Revista Saber & Educar*, n. 14, 1-13.
- MELO, D. (1999). O associativismo popular na resistência cultural ao salazarismo: a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, (21), 95-130.
- MENÊZES, A. (2018a). Santana do Campo – As suas gentes e as suas tradições. Rietske Van Raay (Colab.). [Video]. Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/txkdt9Zd46g>
- MENÊZES, A. (2018b). Santana do Campo – Aldeia viva, aldeia unida. [Video]. Rietske Van Raay (Colab.). Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/wszyKrH9cms>
- RIVARA, J. H. C. (1983). Memórias da Villa de Arrayolos – Parte 1. Câmara Municipal de Arraiolos.

SANTOS, M. (2024). Impacto cultural das associações culturais na comunidade, artistas locais e espaço urbano: Iniciativas e projetos da Associação Cultural Fractal (2019 a 2023). Tese de Mestrado. ISCTE-IUL.

SILVA, A. C. & PERDIGÃO, J. (1998). Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos. Câmara Municipal de Arraiolos.

SILVA, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54, 11-33.

SILVA, A. S., BABO, E. P., & GUERRA, P. (2015). Políticas culturais locais: Contributos para um modelo de análise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 78, 105-124.

SOUSA, B. L. M. D. (2021). Descentralização cultural, uma leitura através do teatro—caso de estudo prático do Centro Dramático de Évora. Relatório de Estágio de Mestrado. Instituto Politécnico de Lisboa.

VIEGAS, J. M. L. (1986). Associativismo e dinâmica cultural. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 1, 102-121.

WANG, C., & BURRIS, M. A. (1997). Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education and Behavior*, 24(3), 369–387.

Anexos

ANEXO 1 – Guião de Entrevista aos Fundadores e Ex-dirigentes

1. O fundador/dirigente e as associações em Santana do Campo

- De que associações em Santana do Campo fez ou faz parte?
- Quando é que a associação foi fundada?
- Quais foram as primeiras associações em Santana do Campo?
- Porque é que se fundaram?
- Como era antes do 25 de Abril?
- Como foi o 25 de Abril?
- O que mudou para as associações depois da revolução?

2. O fundador e as temporalidades: dificuldades das associações em Santana do Campo

- Que projetos se mantiveram e acabaram?
- Que projetos se criaram?
- Quais são as novas dificuldades?
- Quando é que foi dirigente associativo na Asusc (e outras)?
- Como é que foi a sua primeira experiência enquanto dirigente associativo?
- Quais eram as suas responsabilidades?
- Qual era o principal projeto ou objetivo?
- O que é que era preciso fazer para concluir o projeto ou objetivo?
- Qual era a parte mais difícil de gerir uma associação como esta?
- Qual era a melhor parte do seu trabalho enquanto dirigente?
- Com que apoios contavam?
- Ao longo de um ano, como é que era o seu dia a dia de trabalho da associação?

3. Os fundadores na atualidade e a trajetória futura da associação

- Ainda é dirigente associativo? Onde?
- Quais são as responsabilidades e dificuldades atualmente?
- Acha que agora é mais fácil ou mais complicado hoje ou no passado?

- Que benefícios podem ainda trazer as associações para a população de Santana do Campo?

ANEXO 2 – A igreja de Santana do Campo



Fonte: <https://sapo.pt/artigo/santana-do-campo-tem-optimos-anfitrioes-d031-689c9a755f5d4e0fd10123f7>

ANEXO 3 – Procissão nos anos 50 e recentemente, na mesma rua



ANEXO 4 – Plano de atividades para 2020 – ASUSC

ATIVIDADES DE TEMPOS LIVRES - CATL – Cronograma 2020

Os horários e local de funcionamento do CATL, ir-se-ão manter, bem como as atividades realizadas.

Das atividades realizadas continua-se a dar especial importância àquelas que vão de encontro com os gostos das crianças, de salientar a dança, a música, a natação e o desporto, contribuindo assim para uma melhoria da sua qualidade de vida.

As atividades irão ser realizadas na antiga escola primária, no polidesportivo e nas piscinas municipais.

1. ATIVIDADES SEMANAIS, PROMOVIDAS AO LONGO DE TODO O ANO

DIA DA SEMANA	HORÁRIO	ATIVIDADE	RECURSOS ENVOLVIDOS		
			MATERIAIS	HUMANOS	FINANCEIROS
Segunda-Feira	Das 17:30 h às 18:30 h	Desporto	Polidesportivo de Santana	Clientes, Monitores e auxiliar de atividades ocupacionais	Protocolo com a CDSS de Évora e com o Município de Arraiolos, donativos da Junta de Freguesia de Arraiolos, e comparticipações de clientes.
Terça-Feira	Das 17:30 h às 18:30 h	Música – Animação musical	Antiga escola primária, instrumentos musicais		
Quarta-Feira	Das 17:30 h às 18:30 h	Natação, em regime livre	Piscinas Municipais		
Quinta-Feira	Das 17:30 h às 18:30 h	Dança	Antiga escola primária		
Sexta-Feira	Das 17:30 h às 18:30 h	Desporto	Polidesportivo de Santana		

2. ATIVIDADES PRATICADAS DURANTE O VERÃO-CATL – FÉRIAS DE VERÃO

DIA DA SEMANA	HORÁRIO	ATIVIDADE	RECURSOS ENVOLVIDOS		
			MATERIAIS	HUMANOS	FINANCEIROS
De junho a setembro – CATL FÉRIAS DE VERÃO	Exposição de produtos diversos ainda a acordar		Antiga escola primária, material apanhado e tratado	Clientes, Monitores, pais e população em geral	Protocolo com a CDSS de Évora e com o Município de Arraiolos, donativos da Junta de Freguesia de Arraiolos, e comparticipações de clientes.
	Piscinas	Piscinas municipais Autocarro do Município	Clientes e Monitores		
	Deslocações ao cinema	Cinema municipal Autocarro do Município			
	Passeios à barragem e piqueniques	Ar livre			
Abril, setembro dezembro	Passeios/visitas de estudo com os familiares		Autocarro do Município		

3. ATIVIDADES ANUAIS PRATICADAS DURANTE TODO O ANO

DIA DA SEMANA	HORÁRIO	ATIVIDADE	RECURSOS ENVOLVIDOS		
			MATERIAIS	HUMANOS	FINANCEIROS
De segunda a sexta-feira E alguns sábados e domingos a definir	Lojinha do ATL		Antiga escola primária Material lúdico, didático e de costura	Clientes, Monitores e auxiliar de atividades ocupacionais	Protocolo com a CDSS de Évora e com o Município de Arraiolos, donativos da Junta de Freguesia de Arraiolos, e comparticipações de clientes.
	Atuações de dança – HIP-HOP		Autocarro do Município		
	Natação, em regime livre		Piscinas Municipais		

4. ATIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS ANUAIS

DIA DA SEMANA	ATIVIDADE	RECURSOS ENVOLVIDOS		
		MATERIAIS	HUMANOS	FINANCEIROS
Janeiro	Cantar dos Reis	Ruas da aldeia Instrumentos musicais	Clientes, Monitores, pais e população	Apoio do Município de Arraiolos e da Junta de Freguesia de Arraiolos
Fevereiro	Desfile de Carnaval	Ruas da aldeia Fatos feitos pelos meninos		
Março	Dia do Pai	Material didático	Clientes, Monitores e pais	Recursos da Associação
	Dia da árvore	Árvores e plantas para plantar Material didático	Clientes, Monitores, pais e população	
Março e Abril	Apanha de tubras	Ar livre		
Abril	Celebração da Páscoa e Confeção de folares	Produtos alimentares (ingredientes para folares) e Forno comunitário		
Abril	Encontro de dança	Autocarro do Município	Clientes, Monitores e auxiliar	Recursos da Associação
Maio	Dia da mãe	Material didático	Clientes, Monitores e mães	Recursos da Associação
Junho	Comemoração do dia da criança	Antiga escola primária e ar livre - Material didático	Clientes, Monitores, pais e população	Apoio das autarquias locais
Julho	Chá do avós – Dia mundial dos Avós	Antiga escola primeira, chás e bolinhos feitos pelos meninos	Clientes, Monitores e avós	Donativos dos sócios
Agosto	Eco-Desfile (festa de verão)	Material de costura e material reciclável	Clientes e Monitores	-----
	Atuação de danças (festas de verão)	-----	Clientes	-----
Outubro	Desfile do Halloween	Ruas da aldeia Fatos feitos pelos clientes	Clientes, Monitores, pais e população	-----
Novembro	Festa do Magusto	Antiga escola primária Castanhas e batatas doces	Clientes, Monitores, pais e população	Apoio das autarquias locais
Dezembro	Festa do Natal	Sociedade e Artigos de natal	Clientes, Monitores, pais	Apoio das autarquias locais

PLANO DE ATIVIDADES CULTURAIS – Cronograma 2020

Para a realização das inúmeras atividades culturais, a associação pretende, ao longo do ano, cooperar com outras associações da aldeia e do concelho.

DATAS	ATIVIDADE	RECURSOS		
		MATERIAIS	HUMANOS	FINANCEIROS
abril	Desenvolver a iniciativa "Alentejo da Minha Rua" – nas vertentes da Gastronomia, da tradição do Baile da Pinha e nos jogos tradicionais e a caminhada habitual;	Sociedade de Santana do Campo – sede da associação Ar livre Cozinha e utensílios de cozinha Carrinhos rolamentos Músicos	Associados Órgãos Sociais Grupos musicais Toda a população da aldeia	Subsídios do Município de Arraiolos Subsídios da Junta de Freguesia Recursos da Associação
março, junho, setembro e dezembro	Continuar a editar o Boletim da Associação	Sociedade de Santana do Campo – sede da associação Material de escritório Equipamento informático		
Ao longo do ano	Promover o projeto: "Santana do Campo – Acrescentar vida aos anos de história", com vista ao aprofundamento da preservação de tradições, levantamento cultural e projetos de desenvolvimento a longo prazo, incluindo a valorização do Templo Romano e o estabelecimento de parcerias para a criação do "Centro Interpretativo do Templo Romano", "Oficina do Pão", "Artesanato tradicional e contemporâneo", bem como criar dois circuitos pedonais temáticos: - Sítios com história (Arqueologia) – Circuitos da Natureza – Ecologia paisagem fauna e flora – Moinhos das Ribeiras de Arraiolos e do Divor.	Sociedade de Santana do campo – sede da associação Material de desgaste Equipamento informático		
Ao longo do ano	Projeto Viver sénior, com periodicidade bissemanal	Sociedade de Santana do Campo – sede da associação Equipamento informático		

PLANO DE ATIVIDADES DESPORTIVAS E RECREATIVAS – Cronograma 2020

Atividades desportivas e recreativas em conjunto com outras associações da aldeia e do concelho:

Datas	Atividade	Recursos Materiais	Recursos Humanos	Recursos Financeiros
janeiro	Gastronomia - "Matança do Porco"	Cozinha e utensílios de cozinha	Associados Órgãos Sociais	Subsídios do Município de Arraiolos
abril	Comemorações do 25 de abril	Largo da aldeia, Músicos e comida e bebida		
	Realizar Baile Tradicional– Baile da Pinha	Sociedade de Santana do Campo (sede) Músicos		
junho	Organizar as "Marchas Populares"	Espaço das festas anuais e ar livre Material de desgaste (fatos)		
agosto	Realizar a Festa de verão	Espaço das festas anuais, Músicos, Grupos artísticos, Bar	Grupos musicais	Subsídios da Junta de Freguesia
	Realizar o Torneios de futsal	Polidesportivo de Santana Material de desgaste		
novembro	Realizar a corrida de S. Martinho/Atletismo	Ar livre	Monitores	Patrocínios
dezembro	Festa de Natal	Sociedade de Santana do Campo (sede) e Músicos		
Ao longo do ano	Manter a Classe de dança Hip-Hop;	Material de desgaste	Toda a população da aldeia	Donativos dos sócios
	Desenvolver atividade de ginástica/natação de manutenção	Polidesportivo de Santana, Máquinas de manutenção e Material de desgaste		
Ao longo do ano (com datas específicas a definir)	Realizar caminhadas ao longo do ano, em especial na Páscoa e no aniversário da associação.	Material desgaste		Recursos da Associação